



VII FÓRUM DAS PENSADORAS

**Educação para a
equidade numa
perspectiva de classe,
raça e gênero**

Rita de Cássia Fraga Machado
Drica Madeira
(Orgs.)



VII FÓRUM DAS PENSADORAS

**Educação para a
equidade numa
perspectiva de classe,
raça e gênero**

Rita de Cássia Fraga Machado
Drica Madeira
(Orgs.)





SUMÁRIO

7 PROGRAMAÇÃO

13 APRESENTAÇÃO

15 EIXO 01 - EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE NUMA PERSPECTIVA DE CLASSE

16 Introdução

19 “As MARIAS” do Quilombo Bauana: educação, formação e Amazônia

20 Armanda Álvaro Alberto e a educação proletária

21 Educação e equidade de gênero: práticas antirracistas na formação de sujeitos críticos

22 Mulheres e culturas: as pioneiras da educação da comunidade ribeirinha Bela Conquista na zona rural do município de Tefé-AM

24 Quando uma mulher se reconhece professora: formação, resistência e equidade em território periférico

25 Repensar a classe: fronteiras estruturais do capitalismo

26 Versos da nossa pele: memória, identidade e resistência em cordel

28 Vozes que lutam por justiça: Dorothy Stang, Lélia Gonzalez e os marcadores sociais

30 Identificar, acolher e encaminhar: a articulação entre o jurídico e a saúde no combate à violência de gênero

31 Letramento digital para idosas não alfabetizadas na Amazônia: educação para equidade, autonomia e proteção



- 33 Introdução
- 35 As conferências mundiais e os ataques aos direitos das mulheres
- 36 Compromisso com a investigação, a busca e o encontro: pedagogias de uma professora feminista
- 37 Há filósofas por toda parte
- 38 Educação, jovens, masculinismos e extrema direita
- 39 Empoderar: gênero numa pesquisa participativa no Ensino Médio
- 40 Ensinando as pioneiras do pensamento social na graduação: uma experiência entre conquistas e desafios
- 41 Gênero como categoria analítica e práxis pedagógica: perspectivas transversais na educação
- 42 Uma análise do material de apoio docente de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Paraná (SEED/PR): a insuficiência de filósofas
- 43 A jardineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade
- 44 Mulheres na educação: uma reflexão sobre práticas feministas no Ensino Médio
- 45 O trabalho invisível do cuidado e a permanência de mulheres mães na universidade
- 46 Participação das mulheres na política no Triângulo Mineiro
- 47 Patriarcado, cis-heteronormatividade e Serviço Social: reflexões sobre a atuação com a população LGBTQIAPN+
- 48 Refazendo o currículo de filosofia como intervenção política: educação para a equidade a partir de gênero
- 49 Sinopse do livro “Filosofia, pesquisa e educação sob a ótica feminina”
- 51 Teatro e (auto)biografias femininas: uma trilha para a discussão de violência de gênero em ambiente acadêmico
- 52 Violência psicológica e estruturas de poder: um estudo comparativo entre contextos bíblicos e contemporâneos
- 53 Democracia sob pressão: a violência política de gênero como limite da participação feminina



- 55 Introdução
- 56 A importância da psicologia antirracista no âmbito escolar
- 57 Altaci Kokama: vitalização da língua kokama e epistemologias indígenas na Amazônia
- 59 Uma escola pelos indígenas, para os indígenas
- 60 O passado que não passou: vestígio, vigília e educação brasileira em diálogo com Christina Sharpe e Sueli Carneiro
- 61 Escritos de Márcia Kambeba como metodologia de ensino na desconstrução do racismo no espaço universitário
- 63 Imagem, território e escuta: a fotografia como ferramenta metodológica em pesquisa com mulheres
- 65 Manifesto contra a invisibilidade: a urgência em descolonizar o pensamento
- 66 Mulheres pretas de fé: tecendo fios de liderança e representatividade
- 67 O Bazar das Manas como prática formativa: educação feminista em ação
- 69 O ensino de literatura no contexto amazônico a partir de obras escritas por mulheres indígenas: por que isso importa?
- 70 O ser-território como prática de equidade na educação: uma leitura a partir de Alva Rosa Tukano
- 72 A interseccionalidade como ferramenta analítica nos estudos educacionais amazônicos
- 73 A Marcha das Mulheres Negras como possibilidade para o ensino de História antirracista
- 74 Escrevivências de mulheres negras, quilombolas e de terreiros: epistemologias de resistência no gestar e parir





PROGRAMAÇÃO

Conferência de Abertura: "Educação para equidade numa perspectiva de raça" Palestrante: Profª Drª Wilma de Nazaré Baía Coelho Mediadora: Rita Machado		25/03 9h às 10h
EIXO: EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE NUMA PERSPECTIVA DE CLASSE		
Coordenadora/Mediadora: Andrea Wahlbrink Monitora: Rita Machado		
NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Elizabeth Lopes Faustino Co-autora: Rita de Cássia Fraga Machado	"As MARIAS" do quilombo bauana: Educação, formação e Amazônia	25/03 10h
Raissa Santos Rodrigues Co-autora: Samantha Lodi-Corrêa	Armanda Álvaro Alberto e a educação proletária	25/03 10h50min
Mayara de Andrade Bezerra	Educação e equidade de gênero: práticas antirracistas na formação de sujeitos críticos	25/03 11h15min
Maria de Fátima Moura de Matos Co-autoras: Rita de Cássia Fraga Machado Hemily Pastanas Marinho	Mulheres e culturas: As Pioneiras da Educação da Comunidade Ribeirinha Bela Conquista na Zona Rural do Município de Tefé-AM	25/03 11h40min
Coordenadora/Mediadora: Drica Madeira Monitora: Marcela Barbosa		
NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Soraia Veloso Cintra	As Conferências Mundiais e os ataques aos direitos das mulheres	25/03 10h25min
Fernanda Amorim Accorsi	Compromisso com a investigação, a busca e o encontro: pedagogias de uma professora feminista	25/03 10h50min



Coordenadora/Mediadora: Drica Madeira
Monitora: Marcela Barbosa

NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Maria Carreiro Chaves Pereira	Há filósofas por toda parte	25/03 11h40min
Míriam Pereira Lemos	Educação, jovens, masculinismos e extrema-direita	25/03 14h50min
Gabriela Magalhães Sabino	Empoderar: Gênero numa pesquisa participativa no Ensino Médio	25/03 15h15min
Annabelle Bonnet	Ensinando as pioneiras do pensamento social na graduação: Uma experiência entre conquistas e desafios	25/03 15h40min
Giovanna Barbosa Soares	Gênero como categoria analítica e práxis pedagógica: perspectivas transversais na educação	25/03 16h05min
Caroline Susane da Silva	Uma análise do material de apoio docente de Filosofia da SEED/PR: a insuficiência de filósofas	25/03 16h30min

EIXO: EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE NUMA PERSPECTIVA DE RAÇA

Coordenadora/Mediadora: Gisele Rose
Monitora: Hillary Santos

NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Deborah Cunha Galvão de Medeiros	A importância da psicologia antirracista no âmbito escolar	25/03 14h
Daiana Nascimento Façanha Co-autoras: Rita de Cássia Fraga Machado Hemily Pastanas Marinho	Altaci Kokama: Vitalização da Língua Kokama e Epistemologias Indígenas na Amazônia	25/03, 14h25min
Roberta Eliza Zandomênic	Uma escola; pelos indígenas, para os indígenas	25/03 15h15min



Coordenadora/Mediadora: Gisele Rose Monitora: Hillary Santos		
NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Vitória Barboza de Sousa	O passado que não passou: vestígio, vigília e educação brasileira em diálogo com Christina Sharpe e Sueli Carneiro	25/03 15h40min
Eline de Oliveira Moraes Co-autores: Rita de Cássia Fraga Machado Luiz de Oliverira Auleriano; Rickelme de Souza Gomes	Escritos de Márcia Kambeba como metodologia de ensino na desconstrução do racismo no espaço universitário	25/03 16h05min
Marcela da Silva Barbosa Co-autora: Rita de Cássia Fraga Machado	Imagem, território e escuta: A fotografia como ferramenta metodológica em pesquisa com mulheres	25/03 18h00min
Jaqueline Brito Fernandes	Manifesto contra a invisibilidade: a urgência em descolonizar o pensamento	25/03 18h50min
Gisele Rose da Silva	Mulheres pretas de fé: tecendo fios de liderança e representatividade	25/03 19h15min
Samara Bernaldino Carvalho Co-autoras: Rita de Cássia Fraga Machado Marcela Barbosa da Silva	O Bazar das Manas como prática formativa: educação feminista em ação	25/03 19h40min
Leidiane Leite Nascimento	O ensino de literatura no contexto amazônico a partir de obras escritas por mulheres indígenas: por que isso importa?	25/03 20h05min
Júlia Lima da Silva Co-autoras: Rita de Cássia Fraga Machado Marcela da Silva Barbosa	O ser-território como prática de equidade na educação: uma leitura a partir de Alva Rosa Tukano	25/03 20h30min



EIXO: EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE NUMA PERSPECTIVA DE CLASSE

Coordenadora/Mediadora: Andrea Wahlbrink
Monitora: Hemily Pastanas

NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Katia Cilene da Costa	Quando uma Mulher se Reconhece Professora: Formação, Resistência e Equidade em Território Periférico	26/03 9h25min
Pamela Pereira Prestupa	Repensar a classe: fronteiras estruturais do capitalismo	26/03 9h50min
Ana Luiza Reis Barbosa Co-autora: Talita Bertholini Silva Luciana Silvestre Girelli	Versos da nossa pele: memória, identidade e resistência em cordel	26/03 10h25min
Claudia Madeira Bernardes Co-autor: Vicente Cezanildo Lima Duarte	Vozes que lutam por justiça: Dorothy Stang, Lélia Gonzalez e os marcadores sociais	26/03 10h50min

Mediadora: Rita Machado
Monitora: Hemily Pastanas

NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Ana Julia Scudeler Co-autora: Tayna Victoria da Gloria Silva	Identificar, acolher e encaminhar: A articulação entre o jurídico e a saúde no combate à violência de gênero	26/03 14h
Léia Sousa de Sousa	Letramento digital para idosas não alfabetizadas na Amazônia: educação para equidade, autonomia e proteção	26/03 14h25min



Mediadora: Marcela Barbosa		
NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Ana Beatriz dos Santos Chítero Co-autora: Samantha Lodi Corrêa	A jardineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade	26/03 9h
Aline Debossan Velozo	Mulheres na Educação: Uma Reflexão Sobre Práticas Feministas no Ensino Médio	26/03 9h25min
Naiara Migon	O trabalho invisível do cuidado e a permanência de mulheres mães na universidade	26/03 9h50min
Anna Laura Mendes Castiglioni Co-autora: Soraia Veloso Cintra	Participação das mulheres na política no triângulo mineiro	26/03 10h15min
Karina Lorrany Silva	Patriarcado, cis-heteronormatividade e Serviço Social: reflexões sobre a atuação com a população LGBTQIAPN+	26/03 10h40min
Mediadora: Marcela Barbosa		
NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Ruth Furtado Costa	Identificar, acolher e encaminhar: A articulação entre o jurídico e a saúde no combate à violência de gênero	26/03 14h25min
Leoni Maria Padilha Henning Co-autora: Rosa de Lourdes de Aguiar Verástegui	Sinopse do livro "Filosofia, pesquisa e educação sob a ótica feminina"	26/03 14h50min



Mediadora: Marcela Barbosa		
NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Sofia Lopez Dotto Co-autora: Jenniffer Priscila Cardoso	Teatro e (auto)biografias femininas: uma trilha para a discussão de violência de gênero em ambiente acadêmico	26/03 15h15min
Deise Regina Badotti Bastos	Violência psicológica e estruturas de poder: Um estudo comparativo entre contextos bíblicos e contemporâneos	26/03 15h40min
Carla Cristina Mafra Ribeiro	Democracia sob pressão: a violência política de gênero como limite da participação feminina	26/03 16h05min
EIXO: EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE NUMA PERSPECTIVA DE RAÇA		
Coordenadora/Mediadora: Gisele Rose Monitora: Hillary Santos		
NOMES	TRABALHOS CLASSIFICADOS	DIA
Hillary Bruna de Souza dos Santos Co-autora: Rita de Cássia Fraga Machado	A interseccionalidade como ferramenta analítica nos estudos educacionais amazônicos	26/03 14h50min
Célia Santana Silva	A Marcha das Mulheres Negras como possibilidade para o ensino de História antirracista	26/03 15h15min
Luciana Camila dos Santos Brandão Co-autor: Antonio Rodrigues Ferreira Júnior	Escrivências de mulheres negras, quilombolas e de terreiros: epistemologias de resistência no gestar e parir	26/03 16h05min
Conferência de Encerramento: "Educação para Equidade no diálogo com a diversidade e gênero" Palestrante: Profª Drª Eliane Rose Maio Mediação: Rita Machado		26/03 17h às 18h



APRESENTAÇÃO

A proposta do VII Fórum Virtual d'As Pensadoras parte do reconhecimento de que as desigualdades de classe, raça e gênero não operam de forma isolada, mas se articulam de maneira complexa na constituição das experiências educacionais. Os trabalhos apresentados organizaram-se em três Eixos Temáticos que, embora delineados como campos específicos de análise, revelam-se profundamente interdependentes e interseccionados. Nesse movimento, também pretendemos reconhecer o valor das produções intelectuais situadas das mulheres, muitas vezes marginalizadas nos espaços acadêmicos tradicionais, e afirmar sua importância para uma sociedade convicta de que as mulheres são inferiores intelectualmente.

O Eixo dedicado à educação para a equidade numa perspectiva de classe reuniu reflexões que evidenciam a educação numa perspectiva do trabalho das mulheres conectadas com o nosso tempo. Foi possível debater questões importantes como as mães trabalhadoras, o trabalho doméstico e como estas questões implicam os processos formativos das mulheres.

No Eixo voltado à educação para a equidade numa perspectiva de raça, as contribuições evidenciam o racismo como uma estrutura histórica que atravessa o campo educacional, manifestando-se tanto nos conteúdos curriculares quanto nas relações institucionais e nas experiências vividas por estudantes e docentes. Os trabalhos ressaltam a importância de uma educação antirracista, comprometida com a valorização das culturas, histórias e saberes de populações negras e indígenas, bem como com a transformação das práticas pedagógicas e dos referenciais teóricos que sustentam o ensino.

Já o Eixo dedicado à educação para a equidade numa perspectiva de gênero reuniu pesquisas que destacaram a centralidade da revisão crítica dos currículos, a incorporação de epistemologias feministas e a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade. As contribuições evidenciaram a necessidade de enfrentar a invisibilização histórica das mulheres nos processos de produção do conhecimento, bem como promover experiências formativas que reconheçam a diversidade de sujeitos e trajetórias.



Os três Eixos reafirmam a educação como um campo de disputa, no qual se confrontam projetos distintos de sociedade. Se, por um lado, a educação pode funcionar como reprodutora das desigualdades, por outro, ela também pode se constituir como um espaço privilegiado de intervenção crítica.

A realização do VII Fórum d'As Pensadoras evidencia, portanto, o desafio permanente de sustentar e consolidar espaços coletivos de produção de conhecimento crítico com mulheres, especialmente em contextos marcados por disputas em torno dos sentidos da educação e dos direitos sociais. Realizar mais esta edição do Fórum, bem como a publicação destes anais, significa reafirmar um compromisso político e acadêmico com a equidade, a diversidade e a transformação social. Rumo ao próximo Fórum d'As Pensadoras. Esperamos vocês!

Dra. Rita de Cássia Fraga Machado
Dra. Drica Madeira

Coordenadoras do VII Fórum d'As Pensadoras

VII FÓRUM DAS PENSADORAS

Eixo 01



EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE

NUMA PERSPECTIVA DE

CLASSE

REALIZAÇÃO

As
Pensadoras



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

FINANCIADORA



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO



INTRODUÇÃO

Como parte da programação do VII Fórum d’As Pensadoras, nos dias 25 e 26 de março de 2026 foram realizadas as sessões de apresentações dos resumos do Eixo 1 – Educação para equidade numa perspectiva de classe. Nesta ocasião, contamos com a participação de oito autoras.

Os trabalhos apresentados versaram sobre as relações de gênero e classe, a partir de diferentes abordagens, objetos de investigação e contextos territórios. As pesquisas em andamento apresentaram grande diversidade de problemáticas, entre elas a luta pela justiça de gênero e o protagonismo militante das mulheres na educação e na política. Considerando a relevância dos debates realizados, abordo, a seguir e de forma breve, os principais aspectos retratados em cada resumo apresentado.

O trabalho intitulado “Armanda Álvaro Alberto e a educação proletária”, de autoria de Raíssa Santos Rodrigues e Samantha Lodi-Côrrea, apresentou o significado do legado da educadora e militante Armanda Álvaro Alberto. As autoras apresentam a trajetória de Armanda e seu protagonismo na fundação da União Feminina do Brasil (UFB) e na criação da Escola Proletária de Meriti, situada em uma comunidade rural do estado do Rio de Janeiro. Com forte atuação política e na defesa de uma educação de caráter popular, Armanda, foi a primeira educadora a instituir a merenda escolar em seu educandário, participou ativamente do Movimento dos Pioneiros da Educação Nova e foi militante da Aliança Nacional Libertadora (ALN).

O texto “Educação e equidade de gênero: práticas antirracistas na formação de sujeitos críticos”, de autoria de Mayara de Andrade Bezerra, apresenta a pesquisa da autora, que tem como lócus de análise a Escola Olodum Sul. Esta atende crianças, jovens e adolescentes entre 6 e 17 anos, no contraturno escolar, oriundas de comunidades das camadas populares. A pesquisadora destaca a relevância das oficinas de direitos humanos como instrumento formativo para crianças e jovens sobre desigualdade, luta por justiça social e combate ao machismo e ao racismo por intermédio de um referencial insurgente, o panafricano.



A autora Maria de Fátima Moura de Matos apresenta seu projeto de mestrado com o título “Mulheres e culturas: as pioneiras da educação da comunidade ribeirinha Bela Conquista na Zona Rural do Município de Tefé-AM”, uma investigação sobre o pioneirismo das educadoras de uma comunidade ribeirinha, em um contexto comunitário de quarenta famílias, em um território rural de reserva extrativista e de difícil acesso. A pesquisa pauta-se na centralidade da investigação sobre a visibilidade da história das educadoras e do seu demarcado papel de relevância social e educativa na formação desta comunidade.

O trabalho “As MARIAS’ do Quilombo Bauana: educação, formação e Amazônia”, de autoria de Elizabeth Lopes Faustino, demarca a potencialidade dos territórios negros e o reconhecimento das mulheres na transmissão e na preservação das histórias das comunidades. A autora ainda menciona a centralidade das práticas de educação popular que permanecem entre as gerações, na formação de educadoras e militantes comunitárias. A pesquisa busca evidenciar a história de vida de cinco mulheres quilombolas, a atuação delas como educadoras e militantes no contexto territorial da Floresta Nacional de Tefé (AM).

Katia Cilene da Costa apresenta uma reflexão em torno da formação de professores e os desafios de práticas para a equidade em territórios periféricos. Em seu texto intitulado “Quando uma mulher se reconhece professora: formação, resistência e equidade em território periférico”, a autora destaca o papel sociopolítico de educadores na formação das novas gerações e o compromisso em explorar as pautas sobre justiça social, de gênero e de raça.

A mestranda Pamela Pereira Prestupa, em seu resumo “Repensar a classe: fronteiras estruturais do capitalismo”, aborda a necessidade da reflexão sobre a centralidade da reprodução social do trabalho feminino na configuração dos processos de exploração do sistema capitalista. A autora ainda destaca a relevância dos estudos de Nadya Araujo Guimarães para o pensamento feminista e as abordagens ecofeministas como reflexões necessárias em nosso tempo histórico.

O resumo intitulado “Versos da nossa pele: memória, identidade e resistência em cordel”, de autoria de Ana Luiza Reis Barbosa e Talita Bertholini Silva, resulta das reflexões a partir de um projeto de ensino do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) que atua em ações formativas e artísticas, focadas na produção de cordéis autobiográficos pelos alunos do Proeja (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos). O relato apresentado destaca o protagonismo dos sujeitos da EJA, na sua maioria mulheres, na produção de literatura de cordéis como ferramenta de letramento, expressão de vivências pessoais e reflexão sobre marcadores sociais como classe, gênero e raça/etnia.



Já o resumo “Vozes que lutam por justiça: Dorothy Stang, Lélia Gonzalez e os marcadores sociais”, de Cláudia Madeira Bernardes e Vicente Cezanildo Lima Duarte, apresenta o legado e a trajetória de duas mulheres e militantes que contribuíram com as lutas sociais, principalmente por justiça social no Brasil. Suas pautas transversalizaram questões como raça, classe, gênero, ecologia e território. Ambas possuem uma importância social que transcende o tempo e continua a reverberar a necessidade de seu ativismo.

A partir de toda essa abordagem, as atividades desse Eixo culminaram em um processo de diálogo fecundo sobre a atualidade da condição da vida das mulheres sob a ordem do capital, em uma compreensão das contradições e também das potencialidades criadoras que emergem da organização da luta feminista. Com destaque para os territórios e a ação educativa e militante de mulheres em diferentes frentes de atuação.

Andréa Wahlbrink Padilha da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Universidade de Caxias do Sul (UCS) no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4105-1301>
Contato: andreawahlbrink@hotmail.com

“AS MARIAS” DO QUILOMBO BAUANA: EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E AMAZÔNIA

RESUMO

A pesquisa em andamento tem como objetivo analisar o lugar da educação para as mulheres, no processo de reconhecimento quilombola. O lócus da pesquisa situa-se no quilombo São Francisco do Bauana, Alvarães (AM). O objetivo geral é analisar o lugar da educação para as mulheres negras na formação do quilombo. Os objetivos específicos são: analisar a formação histórica do Quilombo São Francisco; verificar como iniciou a formação educativa antirracista; e, por fim, investigar o papel dessas mulheres na transição da comunidade. A pesquisa tem um enfoque qualitativo e, conforme Minayo (2009), seguirá as etapas exploratória, de trabalho de campo, da análise e do tratamento do material empírico e documental. Os procedimentos metodológicos terão como base a abordagem dialética, por meio de rodas de conversa, baseadas na técnica da história oral, com o auxílio de fotografias, gravação de áudio e análise das atas das reuniões. Utilizaremos o método da pesquisa participante (Brandão; Streck, 2015), que permite a participação ativa da autora na produção do conhecimento sobre o tema investigado. Esperamos contribuir de forma coletiva para legitimar e fortalecer a luta antirracista das mulheres.

#MulheresNegras #Quilombo #Educação



Elizabeth Lopes Faustino, mulher preta, ativista quilombola do quilombo de São Francisco do Bauana, é mãe, estudante da Pós-Graduação em Educação (PPGED) no núcleo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). É bolsista CAPES, pesquisa sobre mulheres quilombolas do quilombo onde reside. Contato: elizabethlopesfaustino@gmail.com



Rita de Cássia Fraga Machado é filósofa, professora e pesquisadora brasileira, atualmente vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Tefé. Sua pesquisa foca em feminismos na Amazônia, epistemologias feministas, educação de mulheres e sociodiversidade. Atua como subcoordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEA). Contato: rmachado@uea.edu.br

ARMANDA ÁLVARO ALBERTO E A EDUCAÇÃO PROLETÁRIA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e compreender a trajetória de Armanda Álvaro Alberto (1892-1974) enquanto educadora, responsável por uma das maiores experiências escolanovistas no Brasil: a Escola Regional de Meriti (também conhecida como a Escola Proletária de Meriti); e militante, ao reivindicar a democratização do acesso ao ensino no Brasil, o que levou-a a tornar-se uma das signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, ao lado de outras duas intelectuais: Cecília Meireles e Noemy Silveira Rudolfer. Nesse sentido, este trabalho constitui um recorte do projeto de iniciação científica intitulado “Armanda Álvaro Alberto e a Educação Proletária”, que busca compreender suas contribuições para o campo educacional brasileiro ao mesmo tempo em que se resgata sua biografia, historicamente silenciada. A metodologia adotada envolve a análise de fontes secundárias de pesquisa, incluindo artigos, teses, dissertações e publicações em periódicos sobre a educadora em diferentes perspectivas, como gênero, educação e política, bem com uma análise de fontes primárias da própria educadora, incluindo: “A cultura popular na escola de Meriti”, “A escola regional de Meriti” e “Como iniciei a escola regional na ponta da cidade de Angra dos Reis”.

#ArmandAlvaroAlberto #HistoriadaEducaçãoDasMulheres #EducaçãoProletária
#EscolaRegionaldeMeriti #DemocratizaçãoDoEnsino



Raissa Santos Rodrigues é graduanda no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia (FTC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Presidente Prudente (SP). Atualmente, desenvolve pesquisa de iniciação científica na área de História da Educação das Mulheres, na linha de pesquisa “Gênero, sexualidade e poder: aspectos históricos e educacionais”. Contato: raissa.s.rodrigues@unesp.br



Samantha Lodi-Corrêa é professora assistente doutora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Presidente Prudente (SP), na área de História. Atua como pesquisadora nas temáticas: História contemporânea e gênero, História da Educação e mulheres. Contato: samantha.lodi@unesp.br

EDUCAÇÃO E EQUIDADE DE GÊNERO: PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS

RESUMO

Este trabalho discute o papel da educação na promoção da justiça social e da equidade de gênero, articulando reflexão teórica e experiência político-pedagógica desenvolvida na oficina de direitos humanos da Escola Olodum Sul, em Florianópolis (SC). Em diálogo com os feminismos negros e as epistemologias decoloniais, analisa-se como instituições educacionais podem reproduzir desigualdades estruturais ou constituir espaços de enfrentamento às violências de gênero, raça e classe. Defende-se que práticas pedagógicas feministas e antirracistas fortalecem o pensamento crítico, ampliam horizontes de reconhecimento e produzem deslocamentos na formação de subjetividades. A educação é compreendida como campo estratégico de construção de práticas emancipatórias e de transformação social, comprometidas com a equidade de gênero em sua dimensão interseccional.

#Educação #Equidade #Gênero #FeminismosNegros #JustiçaSocial
#Interseccionalidade



Mayara de Andrade Bezerra é mestranda em Teoria e História do Direito na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisa tecnologias de poder, judicialização e produção de sujeitos, articulando gênero, raça e Estado a partir de perspectivas feministas e antirracistas. Contato: mayara.andrade@gmail.com

MULHERES E CULTURAS: AS PIONEIRAS DA EDUCAÇÃO DA COMUNIDADE RIBEIRINHA BELA CONQUISTA NA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE TEFÉ-AM

RESUMO

Este trabalho mostra notas introdutórias da pesquisa intitulada “Mulheres e culturas: as pioneiras da educação da comunidade ribeirinha Bela Conquista na zona rural do município de Tefé-AM”, que se encontra em fase inicial. A proposta tem como objetivo destacar a visibilidade das pioneiras da educação na comunidade ribeirinha Bela Conquista, do município de Tefé (AM), fazendo um recorte temporal entre as décadas 1970 e 2000. Para tanto, desdobramos os seguintes objetivos específicos: investigar as histórias de vida das mulheres educadoras; descobrir os desafios encontrados durante seus percursos como mulher e professora na comunidade; e analisar as contribuições das pioneiras da educação básica na valorização da memória coletiva e do senso de comunidade. Como metodologia, optamos pela abordagem qualitativa, história de vida e entrevista narrativa. A escolha das mulheres da comunidade Bela Conquista como objeto de estudo é devido a trajetória singular delas e pela importância e contribuição histórica da educação básica que se estabeleceu por essas mulheres determinadas, em que muito se levava em conta o conhecimento empírico que ali existia. Assim, as contribuições dessas experiências que queremos debater são vitais para a formação de políticas públicas mais eficazes que atendam às necessidades específicas de áreas rurais.

#Professoras# PioneirasDaEducação #EducaçãoRibeirinha



Maria de Fátima Moura de Matos é professora formada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pós-graduada pela Faculdade ÚNICA, atualmente cursando mestrado em Educação pelo PPGED/Tefé/UEA. Sua pesquisa foca em mulheres pioneiras da educação ribeirinha. Contato: fatimamatos1621@gmail.com



Rita de Cássia Fraga Machado é filósofa, professora e pesquisadora brasileira, atualmente vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Tefé. Sua pesquisa foca em feminismos na Amazônia, epistemologias feministas, educação de mulheres e sociodiversidade. Atua como subcoordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEA). Contato: rmachado@uea.edu.br



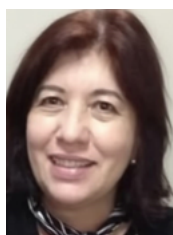
Hemily Pastanas Marinho é mestra em Educação pelo PPGED/Tefé/UEA, graduada em Pedagogia pela UEA, e pós-graduada em Educação Infantil – Anos Iniciais e Psicopedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Contato: hemilypmt@gmail.com

QUANDO UMA MULHER SE RECONHECE PROFESSORA: FORMAÇÃO, RESISTÊNCIA E EQUIDADE EM TERRITÓRIO PERIFÉRICO

RESUMO

Atuei como professora em uma escola pública localizada em território periférico que ofertava a educação básica e o curso normal destinado à formação de docentes para a educação infantil. Com duração aproximada de um ano e meio, o curso integrava a política estadual de formação docente e organizava-se em componentes como Fundamentos da Educação, Didática, Literatura Infantil e Arte-Educação. A maioria das estudantes era composta por mulheres trabalhadoras, mães, muitas delas com trajetórias escolares interrompidas. O retorno à escola configurava-se, assim, como ato político e exercício de resistência. Em diálogo com bell hooks, compreendíamos a formação como prática de liberdade. As atividades, orientadas pela Lei 10.639/2003, afirmavam o reconhecimento de histórias e identidades silenciadas e fundamentavam-se na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, articulando apreciação, releitura e produção. Em uma dessas experiências, uma estudante negra, ao apresentar a releitura de uma obra literária em uma creche, foi aplaudida e reconheceu-se professora. Anos depois, reencontrei-a em um seminário de educação e já concursada, afirmou que aquele momento redefiniu sua trajetória, evidenciando a potência de práticas comprometidas com equidade e dignidade profissional.

#NarrativasDeVida #FormaçãoDocente #MulheresDaClasseTrabalhadora



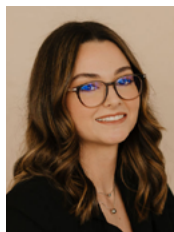
Katia Cilene da Costa é mestra e doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), professora formadora e coordenadora local do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Atua na formação de docentes e gestores, com ênfase em alfabetização e educação das relações étnico-raciais. Integra grupo de pesquisa em investigação narrativa no cotidiano escolar. Contato: katiacilenecosta06@gmail.com

REPENSAR A CLASSE: FRONTEIRAS ESTRUTURAIS DO CAPITALISMO

RESUMO

Partindo da noção de “lutas de fronteira” desenvolvida por Nancy Fraser, este trabalho propõe repensar a educação para a equidade sob perspectiva ampliada de classe. Argumenta-se que a luta de classes não se restringe à distribuição de recursos na esfera produtiva, mas envolve disputas acerca das fronteiras que separam economia, reprodução social e poder público. Essas divisões são constitutivas do capitalismo e não naturais. Tais fronteiras organizam institucionalmente a vida social na sociedade capitalista, definindo o que conta como “trabalho”, quais atividades são reconhecidas como produtivas e quais permanecem invisibilizadas. Ao tratar a classe como categoria circunscrita à inserção no mercado de trabalho oficial, permanecem intactas as divisões que estruturam a própria formação das classes. Nesse sentido, sustenta-se que pensar a equidade sob perspectiva de classe exige questionar as fronteiras que delimitam economia e vida social, reconhecendo que são elas próprias objeto de disputa política.

#Capitalismo #Fronteiras #Justiça #NancyFraser



Pamela Pereira Prestupa é doutoranda em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestra em Filosofia pela mesma instituição e advogada. Atualmente cursa doutorado-sanduíche na City University of London. Este trabalho foi produzido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. Contato: pamelaprestupa@gmail.com

VERSOS DA NOSSA PELE: MEMÓRIA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA EM CORDEL

RESUMO

O projeto “Versos da nossa pele”, desenvolvido por licenciandas em Letras Português do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – Campus Vitória com 22 mulheres da Educação de Jovens e Adultos (EJA), teve como objetivo abordar a temática de gênero a partir das relações entre memória, identidade e literatura de cordel, articulando empoderamento feminino, letramento literário e cultura popular. Considerando que a EJA é uma modalidade formada por sujeitos com diversas vulnerabilidades, a ação promoveu escuta, reconhecimento e valorização do protagonismo das discentes, destacando suas experiências de vida. O referencial teórico fundamentou-se em debates sobre representatividade e construção social das narrativas históricas sobre mulheres. Metodologicamente, realizaram-se oficinas dialógicas e estudo do cordel, seguidos de produção autoral e criação de capas em xilogravura. A culminância do projeto consistiu na leitura pública dos textos na biblioteca da escola e evidenciou, como resultados, o fortalecimento da autoria, a ampliação vocabular e o reconhecimento das trajetórias femininas como parte da memória social coletiva, contribuindo para a equidade de gênero e a valorização de saberes femininos.

#Gênero #ProtagonismoFeminino #LiteraturaDeCordel #EJA



Ana Luiza Reis Barbosa é técnica em Administração pelo Centro Estadual de Educação Técnica – CEET Vasco Coutinho, graduanda em Licenciatura em Letras Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvendo práticas voltadas ao ensino de Língua Portuguesa. Atuou em projetos de iniciação científica com foco em decolonialidade, identidade, diversidade e nos discursos de ódio como expressão da colonialidade. Contato: an4.lrbarbosa@gmail.com



Talita Bertholini Silva é graduanda em Letras Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e em História (Faculdade Estácio de Sá), apresenta uma trajetória acadêmica marcada por estudos decoloniais e pela valorização das relações histórico-culturais entre Brasil e o Sul Global. Atuou no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), fortalecendo práticas pedagógicas críticas voltadas à identidade, diversidade e representatividade no ensino de Língua Portuguesa. Contato: talitaber.silva@gmail.com



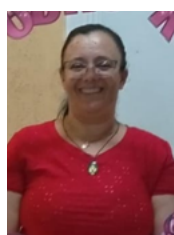
Luciana Silvestre Girelli é cientista social, atua como professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) – Campus Vitória. Doutora em Ciências Sociais (UFES), é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) do IFES. Participa do grupo de pesquisa Mulheres, Linguagens e Teoria Social (MULT/IFES). É mestra em Política Social (UFES), com especialização em Educação Comunitária (UFES) e graduada em Ciências Sociais – licenciatura e bacharelado e Comunicação Social – Jornalismo, ambas pela UFES. Contato: lucianasgirelli@gmail.com

VOZES QUE LUTAM POR JUSTIÇA: DOROTHY STANG, LÉLIA GONZALEZ E OS MARCADORES SOCIAIS

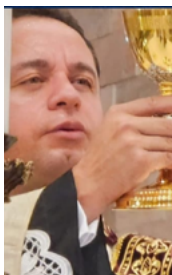
RESUMO

A missionária Dorothy Stang e a intelectual brasileira Lélia Gonzalez atuaram em contextos distintos, porém suas trajetórias se aproximam na luta por justiça social e na defesa dos grupos historicamente marginalizados. Ambas contribuíram para reflexões e práticas que envolvem os marcadores sociais da diferença, como raça, etnia, gênero, classe social, sexualidade e deficiência, buscando a promoção da igualdade e da dignidade humana. Lélia Gonzalez teve papel fundamental na análise do racismo e do sexismo na sociedade brasileira, destacando como raça, gênero e classe social se articulam para produzir desigualdades, especialmente na vida das mulheres negras (Gonzalez, 1984). Suas reflexões também abordam a sexualidade como um campo marcado por preconceitos e opressões, defendendo o respeito às identidades e à diversidade. Dorothy Stang, por sua vez, atuou diretamente junto a comunidades rurais pobres, agricultores familiares, povos indígenas e populações tradicionais da Amazônia. Sua luta esteve relacionada principalmente às desigualdades de classe social, etnia e território, defendendo o direito à terra, à educação e a condições dignas de vida. Embora não tenham atuado juntas, as contribuições de Dorothy Stang e Lélia Gonzalez se complementam ao evidenciar que os marcadores sociais não atuam de forma isolada, mas se cruzam e intensificam as desigualdades.

#DorothyStang #LéliaGonzalez #MarcadoresSociais #JustiçaSocial #Direitos Humanos



Claudia Madeira Bernardes é professora do estado de Goiás. Graduada em Direito pela Universidade de Rio Verde (UniRV), em Serviço Social pela Universidade Paulista, em Letras/Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás. É pós-graduada em Docência em Letras e Práticas Pedagógicas pela Universidade Cândido Mendes (UCAM); em Formação Docente e Práticas Pedagógicas no Ensino Presencial, Híbrido e a Distância pelo Centro Universitário Descomplica UniAmérica; em Formação de Professores e Práticas Educativas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano; em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) – Campus Colatina. Contato: claudiamadeira-bernardesmadeira@gmail.com



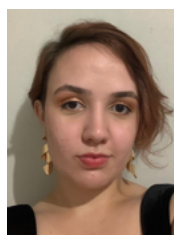
Vicente Cezanildo Lima Duarte é pároco da Paróquia Santa Helena, Diocese de Jataí, Santa Helena de Goiás (GO). Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Anápolis (GO); graduado em Teologia, pelo Seminário Maior Arquidiocesano Nossa Senhora de Fátima, e em Filosofia, pelo Seminarium Maius Brasiliopolitanum. É pós-graduado em Filosofia com ênfase em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Católica de Anápolis. Contato: vineduarte@hotmail.com

IDENTIFICAR, ACOLHER E ENCAMINHAR: A ARTICULAÇÃO ENTRE O JURÍDICO E A SAÚDE NO COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

RESUMO

O presente trabalho integra o projeto de extensão Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – Equidade, em sua 11ª edição, vinculado à Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), iniciativa do Ministério da Saúde voltada à integração entre ensino, serviço e comunidade, com foco na equidade de gênero, raça e etnia e na valorização das trabalhadoras do Sistema Único de Saúde (SUS). Na UENP, a pesquisa compõe Grupos Tutoriais, sendo o presente resumo referente ao Grupo 2 – Apoio Integral às Trabalhadoras do SUS, com recorte na atuação de alunos do curso de Direito do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), em Jacarezinho. O desenvolvimento do trabalho iniciou-se em 2024, com a identificação de cenários de violência de gênero no município de Jacarezinho(PR). A partir dessa constatação, compreendeu-se que a saúde é, predominantemente, o primeiro setor de contato com a vítima. Além disso, as trabalhadoras da saúde estão na linha de frente no acolhimento e na identificação dos casos, embora também possam figurar como vítimas. Baseado nisso, desenvolveram-se, em 2025, ações de conscientização com panfletos e palestras, reforçando a importância de identificar sinais de violência, acolher sem revitimização e encaminhar à rede de apoio e ao suporte jurídico.

#Violência #Gênero #SUS



Ana Julia Scudeler é graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Bolsista do PET-Saúde/UENP, desenvolve atividades de pesquisa e extensão, com ênfase no combate à violência contra mulheres e trabalhadoras da saúde. Contato: najuscudeler@gmail.com



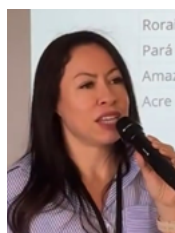
Tayna Victoria da Gloria Silva é graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Bolsista do PET-Saúde/UENP, atua em ações interdisciplinares voltadas ao enfrentamento da violência contra mulheres e trabalhadoras da saúde. Contato: victoriatayna624@gmail.com

LETRAMENTO DIGITAL PARA IDOSAS NÃO ALFABETIZADAS NA AMAZÔNIA: EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE, AUTONOMIA E PROTEÇÃO

RESUMO

Este trabalho discute o letramento digital como dimensão indispensável da educação para a equidade, considerando mulheres idosas não alfabetizadas na Amazônia. Com a digitalização de serviços públicos, bancos e comunicação, o celular tornou-se mediação para acessar direitos, mas também um novo marcador de exclusão. Em contextos amazônicos, desigualdades de escolarização, renda, conectividade e oferta institucional produzem dependência de terceiros para tarefas simples, como pedir transporte por aplicativo, acessar benefícios, realizar pagamentos e resolver demandas cotidianas. Essa dependência aumenta vulnerabilidades, especialmente a golpes, violência financeira e violação de privacidade. Partindo de experiências de extensão universitária e educação popular, propõe-se um debate sobre práticas pedagógicas acessíveis para pessoas não alfabetizadas: uso de linguagem simples, recursos visuais e sonoros, aprendizagem por repetição guiada, simulações seguras de aplicativos, apoio coletivo e valorização dos saberes locais. Argumenta-se que equidade educacional exige reconhecer a não alfabetização como realidade histórica, articulada a gênero, classe e raça/território, e construir políticas e metodologias que promovam autonomia digital, participação social e proteção de direitos de idosas amazônidas.

#LetramentoDigital #PessoasIdosas #Amazônia #Equidade #EducaçãoPopular
#InclusãoDigital



Léia Sousa de Sousa é professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e coordenadora do projeto de pesquisa e extensão “Tecer Mulher (InTercâmbio Tecnológico Intergeracional para a Mulher Idosa)”, voltado ao letramento digital de mulheres idosas na Amazônia. Atua em inclusão digital, educação popular, envelhecimento e autonomia digital. Contato: leiasousa@unifesspa.edu.br

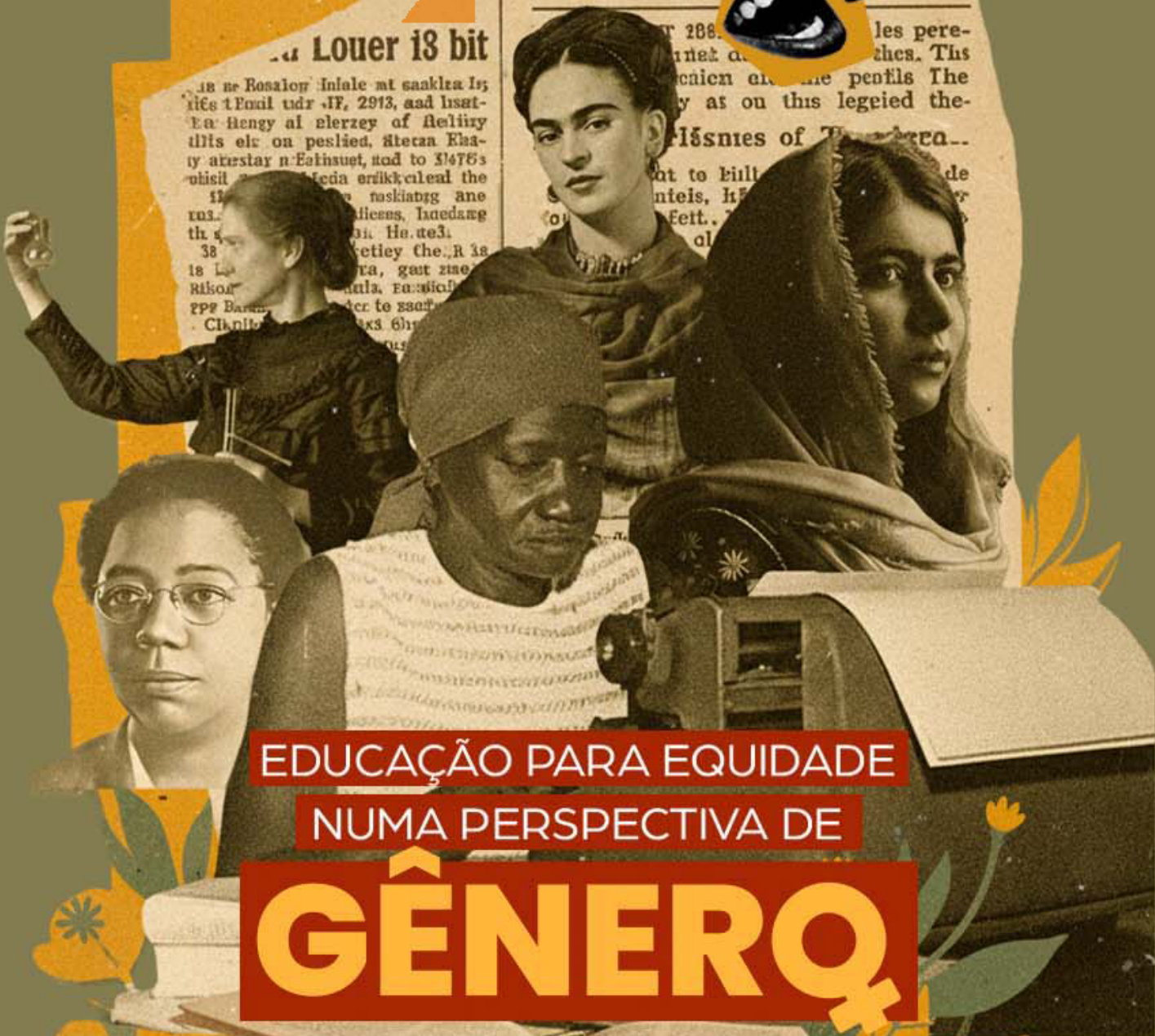
VII FÓRUM DAS PENSADORAS

Eixo 02

Cascory P... ON Bal

Louer 18 bit

18 ne Rosatoy' iniale mt saaktra 1s;
life 1 Emal tadr -IF, 2913, aad hsat-
Ea Hengy al elerzey of Reliiry
ills etc on pestied. Hteca Eha-
ry arestay n-Eahnsuet, aad to \$1476's
olisil ... Media erikkiclen the
11... naskiangg ane
rus. ... alicens, laedang
th. ... i. He. te3.
38 ... etley Che. R 18
18 ... ra, gat zise.
Rlksoa ... aala. Pa. sical
292 Dama ... der to sact
Ch. nlt ... x3 61...



EDUCAÇÃO PARA EQUIDADE
NUMA PERSPECTIVA DE

GÊNERO

REALIZAÇÃO



FINANCIADORA





INTRODUÇÃO

O Eixo *Educação para equidade numa perspectiva de gênero* reuniu trabalhos que, a partir de diferentes abordagens teóricas e metodológicas, investigam o papel da educação na produção, reprodução e transformação das desigualdades de gênero. As contribuições apresentadas evidenciam que o campo educacional constitui um espaço privilegiado de disputa simbólica e política, no qual se tensionam tanto os mecanismos de manutenção das hierarquias sociais quanto as possibilidades de construção de práticas emancipatórias.

Um dos temas centrais observados nos trabalhos diz respeito à crítica aos currículos tradicionais e à constituição dos cânones acadêmicos, historicamente marcados por perspectivas androcentradas. Destaco as reflexões que problematizam o ensino de Filosofia e de Ciências Sociais, evidenciando a ausência ou a marginalização de mulheres e propondo intervenções curriculares que incorporem gênero, raça e sexualidade como categorias estruturantes da produção do conhecimento.

Outro Eixo relevante foi o das práticas pedagógicas feministas, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Os trabalhos evidenciam a potência de experiências formativas, destacando pedagogias comprometidas com o reconhecimento das experiências das mulheres, a valorização da escuta e a construção de processos educativos mais horizontais. Iniciativas coletivas, como grupos de formação e projetos de protagonismo estudantil, aparecem como espaços fundamentais para a constituição de identidades docentes e discentes orientadas pela equidade de gênero.

A dimensão metodológica da educação também pareceu ampliada com as propostas que incorporam linguagens artísticas como ferramentas de problematização das violências de gênero. A escola e a universidade apareceram como territórios que podem, ao mesmo tempo em que reproduzem estruturas patriarcais, se constituir como espaços estratégicos de intervenção e transformação.

A articulação entre educação e política emergiu de forma significativa em estudos que analisam a participação das mulheres na esfera pública, os impactos da violência política de gênero e os desafios contemporâneos à garantia de direitos.



Outro conjunto de trabalhos destacou a centralidade do cuidado, da maternidade e das condições materiais de permanência de mulheres na universidade, problematizando as estruturas acadêmicas. Ao mesmo tempo, discussões sobre patriarcado, cis-heteronormatividade e atuação profissional ampliam o debate para além da escola, evidenciando a necessidade de uma formação comprometida com a diversidade e com o enfrentamento das desigualdades em diferentes campos sociais.

Por fim, ao recuperar trajetórias de mulheres na história da educação e ao evidenciar a presença de filósofas em diferentes contextos, os trabalhos contribuem para a reescrita das narrativas históricas e para a ampliação dos referenciais teóricos que sustentam a formação educacional. As pesquisas aqui reunidas evidenciam que a transformação das desigualdades passa, necessariamente, pela revisão crítica dos currículos, pela reinvenção das práticas pedagógicas e pelo fortalecimento de políticas educacionais comprometidas com a justiça social.

Drica Madeira

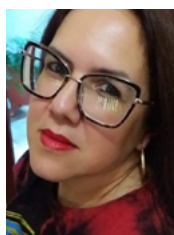
Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista de Pós-Doutorado Nota 10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Mestra em Direito e graduada em Letras pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Autora do livro *Lei Maria da Penha: entre a teoria e a prática* (2019) e atua como editora executiva da *Revista Z Cultural* e mediadora do Clube Leia Mulheres Petrópolis.

AS CONFERÊNCIAS MUNDIAIS E OS ATAQUES AOS DIREITOS DAS MULHERES

RESUMO

Em 2025, o mundo “comemorou” os 30 anos da 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher e a adoção da Declaração e Plataforma de Ação de Pequim. Após três décadas, é preciso refletir sobre os riscos que os direitos das mulheres correm, principalmente o direito básico à vida. Só no Brasil, 1.518 mulheres foram assassinadas em 2025 e, mesmo com o aumento de pena de 30 para 40 anos em casos de feminicídios, os homens não temem matar as mulheres. Na 4ª Conferência, um dos artigos do documento final apontava “desenvolver ao máximo o potencial das mulheres e meninas de qualquer idade, de modo a assegurar sua participação plena e igual na construção de um mundo melhor para todos, e valorizar o seu papel no processo de desenvolvimento”. A reflexão deste resumo é revisitar os documentos finais das quatro conferências: na Cidade do México, 1975; em Copenhague, 1980; em Nairóbi, 1985; e em Pequim, 1995; além do material que a ONU Mulheres preparou para celebrar os 30 anos da Declaração de Pequim. Adotada por 189 países, o documento indicou a necessidade de ações estratégicas em relação aos direitos das mulheres em várias áreas, mas percebe-se que esses direitos estão em risco com o avanço da extrema direita, do conservadorismo, das *fake news*, dos ataques cibernéticos, entre outros.

#Direitos #Mulheres #Conferências #Ataques



Soraia Veloso Cintra é doutora em Serviço Social, docente do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e coordenadora do projeto “Eu combato a violência. E você?”. É escritora, autora do livro *A mulher que não existe e outras histórias*. Contato: soveloso2008@hotmail.com

COMPROMISSO COM A INVESTIGAÇÃO, A BUSCA E O ENCONTRO: PEDAGOGIAS DE UMA PROFESSORA FEMINISTA

RESUMO

Este trabalho opera na perspectiva de Françoise Vergès (2020) acerca de um feminismo decolonial, cuja defesa é o direito à existência. A colonização atua para descivilizar o colonizado, ensina a não pensar, não agir, não existir. Como professora feminista do ensino superior, objetivo refletir brevemente sobre as pedagogias possíveis para uma educação para a equidade de gênero. Como mulher branca, entendo que minhas elucubrações não são as únicas, nem absolutas e podem conter enviesamento dos privilégios que trabalho para reconhecer. Vergès (2020) defende que raça, sexualidade e classe se atravessam e são indispensáveis ao trabalho feminista. Nele, há um compromisso com a investigação, a busca e o encontro dos passados das mulheres, os quais foram mascarados e escondidos. As pedagogias estão ancoradas no direito de as mulheres existirem, elas precisam estar presentes, serem escutadas, lidas, consideradas na construção do conhecimento. Em um mundo patriarcal, ser professora feminista é questionar “[...] acerca daquilo que não enxerga”, é praticar pedagogias que tratem das tensões e dificuldades, mas também estabeleça descobertas e alegrias sobre/com o mundo, sobre/com a vida das mulheres (Vergès, 2020, p. 46).

#Mulheres #Pedagogias #FeminismoDecolonial



Fernanda Amorim Accorsi é professora do Departamento de Pedagogia (DPD) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), doutora e mestra em Educação (UEM). Especialista em Comunicação e Educação. Graduada em Pedagogia e Jornalismo. É orientadora do Laboratório de Estudos Feministas e Violência de Gênero (LEFEVGE/UEM). Contato: faaccorsi@uem.br

HÁ FILÓSOFAS POR TODA PARTE

RESUMO

Trabalho baseado na monografia da autora (2020), por ocasião da conclusão do bacharelado em Filosofia. Foi o desassossego de uma formanda que não viu figurar o nome de filósofas e pensadoras ao longo do curso de graduação em Filosofia, salvo raríssimas exceções, tais como Hannah Arendt e Simone de Beauvoir, entre os nomes de grandes autores homens, estudados ao longo do curso. Entre as mulheres pensadoras que existiram, mas se tornaram sujeitos invisíveis na Filosofia, podemos citar, da antiguidade, Safo de Lesbos, Aspásia de Mileto, Diótima de Manteneia, Hipátia de Alexandria; do medievo, Hildegarda de Bingen, Eloísa de Paráclito, Christine de Pizan, Marguerite Porete, Catalina de Siena, Teresa de Ávila; da modernidade, Anne Crowell, Mary Astell, Sor Juana Inés de la Cruz, Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges; da contemporaneidade, figuras como Lou Andreas-Salomé, Alexandra Kollontai, Edith Stein, Rosa Luxemburgo, María Zambrano, Julia Kristeva, Judith Butler, Seyla Benhabib, Ângela Davis, entre tantas outras até os nossos dias (Martino; Bruzesse, 1994). Cada uma delas foi extraordinária e o legado deixado por elas permanece. Escolhi falar sobre Christine de Pizan, autora medieval, italiana de nascimento e criada na França, que, com seus estudos e muito empenho, dignificou as mulheres de seu tempo.

#Filósofas #Mulheres #Pensadoras



Maria Carreiro Chaves Pereira é bacharela em Filosofia e mestra em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). É servidora pública federal do Ministério da Fazenda. Pesquisa mulheres, gênero e sexualidade. Tem como *hobby* escrever poesias e é mãe orgulhosa do João Pedro. Contato: carreirmeister@gmail.com

EDUCAÇÃO, JOVENS, MASCULINISMOS E EXTREMA DIREITA

RESUMO

Este trabalho analisa a crescente adesão de adolescentes e jovens a grupos masculinistas de extrema direita, observada tanto no cenário brasileiro quanto no global. A investigação parte da premissa de que tais movimentos operam por meio do que Rita Segato denomina de “mandato de masculinidade” e “pedagogia da crueldade”, cooptando jovens para lógicas de dominação e violência. Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho é propor uma reflexão crítica sobre a educação de adolescentes e jovens, buscando o desenvolvimento de propostas pedagógicas e culturais que incentivem o engajamento em ações participativas e democráticas. Entre outras autoras e autores contemporâneos trazidos para o diálogo, Paulo Freire nos convida a ir à raiz de uma pedagogia da autonomia, de forma crítica e acolhedora, enquanto Hannah Arendt alerta para a “banalidade do mal” e o perigo da “ausência do pensar” como solo fértil para o autoritarismo. Educar jovens meninos para a democracia exige romper com a reprodução automática de discursos de ódio, assumir a alteridade no coletivo e a responsabilidade pelo mundo comum. Somente uma educação que reconheça a incompletude do ser e a pluralidade humana do existir poderá desarticular narrativas extremistas, substituindo o “mandato de masculinidade” por um engajamento pautado na liberdade e na justiça social.

#Educação #Juventudes #Gênero #ParticipaçãoDemocrática



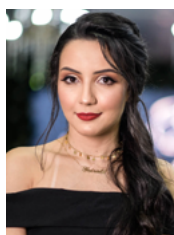
Míriam Pereira Lemos é educadora social, professora e pesquisadora, formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado e doutorado em Educação e Políticas Sociais, pela mesma instituição. Contato: miriamlem@gmail.com

EMPODERAR: GÊNERO NUMA PESQUISA PARTICIPATIVA NO ENSINO MÉDIO

RESUMO

Este estudo é uma pesquisa participativa que versa atividades educativas colaborativas sobre gênero mediante um grupo de protagonismo intitulado EMPODER (AR). O objetivo geral deste trabalho é identificar e caracterizar o impacto do grupo de protagonismo para formação crítico social em prol do empoderamento sobre gênero com estudantes participantes do Ensino Médio de uma escola estadual na cidade de Almas, Tocantins. Já o objetivo específicos é descrever os processos e os desafios de ensinar gênero em uma escola do interior tocantinense, no contexto do Novo Ensino Médio. A metodologia se baseia em Denzin e Lincoln (2014) e na investigação de cunho feminista realizada por Dillard e Okpalaoka (2013) e Harding (1992), na qual se trata de uma pesquisa de natureza qualitativa de uma pesquisa participativa de base comunitária (Wallenstein *et al.*, 2024). As praxiologias acadêmicas elegidas para discussão situam-se na Pedagogia Feminista por Ochoa (2008), Korol (2007), com ênfase no letramento feminista em hooks (2020), e os estudos sobre gênero de Scott (1986). Considera-se, em relação a análise dos dados produzidos, a importância da pesquisa com a perspectiva dos estudos feministas que possibilitam engendrar soluções.

#Gênero #Pedagogia #Feminista #LetramentoFeminista #Empoderamento
#PesquisaParticipativa



Gabriela Magalhães Sabino é doutoranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/UFG). É mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG – Câmpus Cora Coralina). Contato: gabysabryna28@gmail.com

ENSINANDO AS PIONEIRAS DO PENSAMENTO SOCIAL NA GRADUAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA ENTRE CONQUISTAS E DESAFIOS

RESUMO

Esta comunicação se inscreve na dinâmica contemporânea de pesquisa e prática docente que busca evidenciar as contribuições das mulheres para a teoria social, a apreensão das dinâmicas sociais e os aportes dos estudos de gênero para a área. Apresenta-se um relato de experiência do projeto de extensão “Pioneiras do pensamento social”, desenvolvido como atividade integrante de uma disciplina de graduação em Sociologia na Universidade Federal de Viçosa (UFV) em 2025. A análise estrutura-se em três eixos: 1) Os desafios de ampliar o cânone, superando o tratamento das autoras como exceção histórica e confrontando as restrições de tempo e o habitus acadêmico; 2) O processo de sensibilização pelo contato direto com suas obras, a escolha do material e a promoção do diálogo fundamental com os clássicos consagrados para enriquecer a visão da tradição; e 3) O desdobramento prático na curadoria de uma exposição universitária, que mobilizou a linguagem artística transformando a reflexão teórica em um agir coletivo indo além da sala de aula.

#Androcentrismo

#PedagogiaEmancipatória

#PensamentoFeminista

#GêneroeSociologia #Cânone



Annabelle Bonnet é professora de estudos de gênero do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Pesquisadora e autora de vários trabalhos nas áreas: sociologia dos e das intelectuais, mulheres na filosofia e na sociologia, sociologia histórica, teoria social e pensamento feminista moderno. Contato: annabelle.bonnet@ufv.br

GÊNERO COMO CATEGORIA ANALÍTICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: PERSPECTIVAS TRANSVERSAIS NA EDUCAÇÃO

RESUMO

O presente trabalho analisa as relações de gênero no contexto educacional a partir de sua dimensão transversal, evidenciando desafios, disputas e possibilidades pedagógicas para sua incorporação crítica no ambiente escolar. Parte-se da compreensão de que os estudos de gênero constituem não apenas um campo teórico, mas também uma perspectiva político-epistemológica que problematiza as estruturas históricas de desigualdade sustentadas pela lógica patriarcal e misógina. Nesse sentido, a educação é entendida como espaço privilegiado de socialização e formação humana, responsável pela mediação entre sujeito e sociedade e pela construção do pensamento crítico. A metodologia adotada consiste em pesquisa bibliográfica qualitativa de caráter exploratório, fundamentada em referenciais que defendem a educação orientada pelos princípios da igualdade, da inclusão e da justiça social, considerando o gênero como categoria analítica central para a compreensão das dinâmicas históricas e educacionais. Por fim, conclui-se que a incorporação da perspectiva de gênero de forma transversal no currículo escolar constitui estratégia indispensável para a consolidação de práticas pedagógicas dialógicas e emancipadoras, capazes de promover o respeito à diversidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

#Gênero #Educação #Transversalidade



Giovanna Barbosa Soares é graduanda em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) na área de América Latina. Possui interesse em política contemporânea, com ênfase nas relações de gênero e étnico-raciais, além de estudos feministas, cultura popular e literatura afro-brasileira. Contato: giovannasoares1620@gmail.com

UMA ANÁLISE DO MATERIAL DE APOIO DOCENTE DE FILOSOFIA DA SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ (SEED/ PR): A INSUFICIÊNCIA DE FILÓSOFAS

RESUMO

O material de apoio docente para as aulas de Filosofia nas escolas públicas do Paraná representa um avanço importante ao buscar maior inclusão e diversidade no currículo. Observa-se um esforço em incorporar autores negros, indígenas e mulheres, ampliando o repertório tradicionalmente centrado em pensadores europeus homens. Essa iniciativa contribui para tornar o ensino mais representativo da pluralidade cultural brasileira e para estimular reflexões críticas sobre identidade, desigualdade e justiça social. Entretanto, apesar desse avanço, comparado aos anos anteriores, o material ainda apresenta limitações significativas. A presença desses autores é reduzida e, em geral, restrita a pensadores contemporâneos, o que pode gerar a impressão equivocada de que a diversidade é um fenômeno recente na história da Filosofia. Tal recorte acaba por negligenciar a tradição filosófica ao longo dos séculos, inclusive a participação de mulheres desde a Antiguidade, além de outras vozes historicamente silenciadas. No material, apenas três mulheres são mencionadas: Chimamanda Adichie, Djamila Ribeiro e Lélia Gonzalez. Uma proposta verdadeiramente plural deve articular diversidade contemporânea e tradição filosófica, evitando substituições superficiais e promovendo uma compreensão histórica mais ampla e crítica da Filosofia.

#RCO #MaterialDeFilosofia #MulheresNaFilosofia



Carolaine Susane da Silva é professora de Filosofia na rede estadual do Paraná. É mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pós-graduada em Ensino de Jovens e Adultos (EJA) pela mesma instituição. Também é pós-graduada em Neuroeducação e em Educação Inclusiva, ambas pela Faculdade Focus. Graduada em Filosofia/Licenciatura Plena, pela UEL, e em Estética e Cosmética, pelo Centro Universitário Filadélfia (UniFil). Concentra suas pesquisas no reconhecimento de mulheres filósofas com ênfase nos trabalhos de Simone de Beauvoir. Contato: carolaine.susane@uel.br

A JARDINEIRA MARIA GUILHERMINA LOUREIRO DE ANDRADE

RESUMO

Este trabalho é sobre minha pesquisa de iniciação científica sobre mulheres na educação brasileira, com foco em Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1839-1929) e sua atuação na renovação pedagógica do século XIX. Maria Guilhermina destacou-se na ampliação da instrução feminina, promovendo ampla formação intelectual às mulheres em contexto de restrições sociais. No Colégio Andrade (RJ), implantou métodos, ampliou o currículo das meninas e introduziu propostas pedagógicas inovadoras. Influenciada por Froebel, difundiu o Kindergarten e formou jardineiras -professoras, fortalecendo os jardins de infância. Produziu e traduziu materiais didáticos, contribuindo para a modernização do ensino e o fortalecimento da presença das mulheres no campo educacional. Seu legado reafirma a valorização da educação feminina no Brasil.

#MariaGuilhermina #VisibilidadeFeminina #Mulheres # Educação #História



Ana Beatriz dos Santos Chítero é formada em Educação Física e está cursando Pedagogia na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Presidente Prudente (SP). Desenvolve pesquisas voltadas à visibilidade feminina na história brasileira. Contato: ana.chitero@unesp.br



Samantha Lodi-Corrêa é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com Bolsa Sanduíche na Université de Rouen, licenciada em História e bacharela em Comunicação Social. É professora e pesquisadora na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) DA Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Presidente Prudente (SP), com enfoque em mulheres na história e a visibilidade feminina no Brasil. Contato: samantha.lodi@unesp.br

MULHERES NA EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS FEMINISTAS NO ENSINO MÉDIO

RESUMO

Este trabalho retoma a gênese patriarcal do sistema educacional brasileiro, mostrando como, do Período Imperial às primeiras políticas republicanas, o acesso, os conteúdos e as expectativas escolares foram distribuídos de modo a preparar meninos para a vida pública e a restringir meninas à moralidade doméstica, com forte mediação de valores religiosos e conservadores. À luz de autoras e autores como Saffioti, Louro, Beauvoir, Freire e bell hooks, discutimos a escola como espaço contraditório: pode reproduzir hierarquias e, ao mesmo tempo, abrir frestas para uma educação como prática de liberdade. Em seguida, revisita-se a dissertação de mestrado da autora, baseada em estudo de caso (Stake; Yin) com professoras do Ensino Médio em uma escola pública de Cuiabá (MT), a partir de metodologia qualitativa que articulou observação, questionários, entrevistas e análise documental. Os resultados indicam que práticas pedagógicas feministas tendem a ocorrer de forma isolada e sob baixo apoio institucional, enfrentando resistências de colegas, estudantes e famílias, com rotulações que produzem desgaste e autocensura. Conclui-se a necessidade de condições institucionais, formação continuada e ambiente escolar seguro para sustentar uma educação crítico-emancipatória comprometida com autonomia e equidade de gênero.

#Educação #Feminismos #Docência #EnsinoMédio



Aline Debossan Velozo é doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e mestre em Educação pela mesma instituição. Pedagoga e socióloga, pesquisa feminismos nas interfaces entre educação, cultura e memória social, com atenção a territorialidades, produção de narrativas e saberes situados. Contato: alinevelozo.mt@gmail.com

O TRABALHO INVISÍVEL DO CUIDADO E A PERMANÊNCIA DE MULHERES MÃES NA UNIVERSIDADE

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a experiência da maternidade no contexto da pós-graduação. A partir de uma perspectiva feminista, problematiza-se a tensão entre o trabalho de cuidado e a permanência acadêmica, evidenciando como a maternagem se constitui uma prática social aprendida, relacional e historicamente desvalorizada. O cuidado, embora indispensável à sustentação da vida e das próprias instituições, permanece majoritariamente invisibilizado e atribuído às mulheres, impactando suas trajetórias formativas, profissionais e subjetivas. A experiência de conciliar doutorado, trabalho institucional e cuidado cotidiano revela tanto os limites das estruturas acadêmicas, frequentemente organizadas segundo uma lógica produtivista, quanto a potência das redes de apoio e das políticas institucionais de acolhimento. Defende-se que a permanência materna estudantil não pode ser compreendida como responsabilidade individual, mas como compromisso coletivo e institucional. Ao tensionar a romantização da maternidade, o texto afirma o cuidado como prática política e reivindica sua centralidade nos debates sobre justiça social, equidade de gênero e democratização da universidade. Maternar e pesquisar, nesse sentido, emergem como experiências entrelaçadas de resistência e de produção de outros modos de habitar a vida acadêmica. [Agradecimentos ao IFRS- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul ao apoio para participar de Programa de Capacitação/Qualificação Stricto Sensu.]

#Maternidade #Cuidado #Universidade #PermanênciaEstudantil



Naiara Migon é mãe da Maria Antônia, de um ano e meio. Doutoranda em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF), mestra em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Sertão. Graduada em Pedagogia, com pós-graduação em Gestão Pública. Atua na Assistência Estudantil e tem experiência em coordenação acadêmica. Contato: 153872@upf.br

PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA POLÍTICA NO TRIÂNGULO MINEIRO

RESUMO

O presente resumo analisa a participação política feminina nas eleições municipais de 2024, na região do Triângulo Mineiro. O estudo integra a pesquisa “Mapeamento das eleições municipais de Minas Gerais: há igualdade de gênero na política?”, aprovada no edital nº 01/2025 PIBIC CNPq NA Universidade Federal de Uberlândia (UFU), partindo do reconhecimento de que, apesar dos avanços legais, persistem desigualdades de gênero no campo político-eleitoral. O objetivo central é investigar a efetiva representação nas eleições municipais de 2024 no contexto regional. Metodologicamente, a pesquisa desenvolve-se por meio da análise de dados estatísticos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) cujos resultados indicam que a sub-representação persiste: nos 35 municípios pesquisados, foram registradas 1.109 candidaturas de mulheres. Dessas, 57,4% de mulheres brancas, 29,3% de mulheres pardas e 12,6% de mulheres pretas. A conversão em mandatos foi baixa: quatro mulheres pretas e pardas, e 14 brancas foram eleitas vereadoras. Portanto, os dados revelam que a participação feminina no processo eleitoral não garante representação institucional proporcional, evidenciando barreiras estruturais que dificultam o acesso das mulheres aos cargos eletivos.

#Mulheres #ParticipaçãoPolítica



Anna Laura Mendes Castiglioni é discente do 6º período de Serviço Social na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É bolsista pelo CNPQ da pesquisa intitulada “Mapeamento das eleições municipais de Minas Gerais: há igualdade de gênero na política?”. Contato: annalauramc1@gmail.com



Soraia Veloso Cintra é doutora em Serviço Social. Docente do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e coordenadora do projeto Eu combato a violência. E você? É escritora, autora do livro *A mulher que não existe e outras histórias*. Contato: Soraia.veloso@ufu.br

PATRIARCADO, CIS-HETERONORMATIVIDADE E SERVIÇO SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO COM A POPULAÇÃO LGBTQIAPN+

RESUMO

A população LGBTQIAPN+ historicamente vivencia processos de exclusão e violências enraizados na estrutura patriarcal e cis-heteronormativa que organiza a sociedade capitalista contemporânea. Essas determinações estruturais produzem desigualdades no acesso a direitos sociais e impactam diretamente a forma como essa população é reconhecida e atendida no âmbito das políticas públicas e das instituições. O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação entre patriarcado, cis-heteronormatividade e Serviço Social, discutindo os fundamentos históricos e sociais das opressões dirigidas a essa população e os desafios colocados à atuação profissional. A partir de uma análise teórico-crítica, fundamentada em pensadores como Engels e Saffioti, e da mobilização dos marcos ético-normativos da profissão, especialmente o Código de Ética e as resoluções do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), a pesquisa problematiza as expressões da LGBTfobia nas políticas públicas e nos espaços institucionais. Defende-se que o enfrentamento às discriminações relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero constitui compromisso ético-político central do Serviço Social.

#ServiçoSocial #PopulaçãoLGBTQIAPN+ #Patriarcado #Cisheteronormatividade



Karina Lorrany Silva é discente do curso de Serviço Social na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Sua trajetória acadêmica tem foco em estudos sobre gênero e direitos sexuais e reprodutivos, com ênfase no debate sobre a descriminalização do aborto. Contato: kaah00126@gmail.com

REFAZENDO O CURRÍCULO DE FILOSOFIA COMO INTERVENÇÃO POLÍTICA: EDUCAÇÃO PARA A EQUIDADE A PARTIR DE GÊNERO

RESUMO

Pensar o ensino de filosofia como criação de novas realidades exige pensar novas tendências conceituais relacionadas aos sistemas de raça, gênero e sexo, que organiza a sociedade em categorias hierarquizantes e perpetua as desigualdades. A desconstrução de certas hierarquias sociais é fundamental para a formulação de uma política de democratização dos saberes e fazeres filosóficos locais. Questionar as práticas curriculares tradicionais é apontar para o sistema de saberes hegemônicos que mantém a lógica neoliberal nas escolas. O objetivo deste texto é refletir sobre a possibilidade de mobilizar novas práticas curriculares para o ensino de filosofia, valorizando as resistências e as criações produzidas a partir de saberes dissidentes sobre gênero, entendendo esta prática como um modo de intervenção política.

#Gênero #Filosofia #Educação #Currículo



Ruth Furtado Costa é mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e socióloga (DRT 0002554/SP). Também é graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), especialista em Educação Especial e Inclusiva e em Gestão Urbana, Planejamento e Desenvolvimento Sustentável. Pesquisa Educação para as relações étnico-raciais e de gênero no ensino de Filosofia e Sociologia no Brasil. É membra do Grupo de Estudos Panóptico – Abolicionismo Penal e Filosofia do Castigo, da UFPI. Contato: ruthfurtadofilo@gmail.com

SINOPSE DO LIVRO “FILOSOFIA, PESQUISA E EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA FEMININA”

RESUMO

O livro *Filosofia, pesquisa e educação sob a ótica feminina* se propõe a discutir o campo da Filosofia em sua ampla relação com a Educação e interconectada com as ações de pesquisa e ensino realizadas por suas praticantes. Nesse sentido, o livro se fundamenta nas diretrizes da Filosofia da Educação como questão no feminino, uma vez que o campo interconecta os dois termos, podendo facilitar a análise a partir deste prisma. Ao considerar a questão das mulheres, a referida área explora a importância da participação e perspectiva feminina na Educação, oferecendo subsídios teóricos relevantes a partir dos registros históricos até a contemporaneidade. Com isso, acreditamos que o campo valoriza a contribuição das mulheres tanto na Filosofia quanto na Educação, buscando argumentos que fortaleçam a experiência feminina diante da busca por uma sociedade mais justa, igualitária e menos violenta, garantindo o reconhecimento do trabalho das mulheres em ambos os campos. A partir disso, propomos a autoria dos textos versados por mulheres formadas em Filosofia, uma vez que tal opção já surge no cenário acadêmico de modo intrigante, ainda mais quando a egressa abraça as questões da Educação, sucumbindo aos atrativos da Filosofia da Educação, por exemplo, campo ao qual pode dedicar-se em suas experiências formativas, a partir do que transita, ensina, pesquisa, aprofundando-se nos dois campos mencionados.

#Feminino #Filosofia #Educação



Leoni Maria Padilha Henning é docente sênior do Núcleo Filosofia e Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), tendo os títulos de Master of Education (MSU), Master of Science (ISU), doutorado em Educação, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e pós-doutorado em Filosofia, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Contato: leoni.henning@yahoo.com



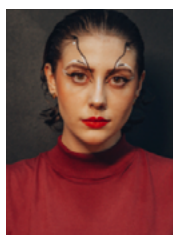
Rosa de Lourdes de Aguilar Verástegui é professora associada da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Seus interesses de pesquisa são: decolonialidade e educação na América Latina. Lidera o GP Filosofia, Educação e Dilemas Contemporâneos, é membra de Direitos Humanos de Peru e da Red de Mujeres Filósofas de América Latina. Contato: rosaguilar@uel.br

TEATRO E (AUTO)BIOGRAFIAS FEMININAS: UMA TRILHA PARA A DISCUSSÃO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM AMBIENTE ACADÊMICO

RESUMO

O presente resumo refere-se a uma pesquisa realizada em 2025 que, tendo caráter teórico-prático, ofereceu cinco oficinas de teatro para mulheres com o objetivo de investigar quais as aproximações entre o(s) Teatro(s) do Oprimido de Augusto Boal e as narrativas de violência de gênero, em espaço acadêmico. As inscrições ocorreram via formulário online, abarcando mulheres internas e externas à universidade, com ou sem deficiência, e contemplando diferentes faixas etárias, orientação sexual, identidade de gênero e autodeclarações étnico raciais. Através de jogos teatrais e leituras feministas, foram discutidas as trajetórias de cada participante, bem como formas de prevenção e denúncia de casos de violência de gênero na universidade. Tendo como justificativa de pesquisa as narrativas (auto)biográficas da autora, recortadas à sua trajetória de violência de gênero no ambiente acadêmico, o processo do trabalho oportunizou descobertas e redescobertas pedagógicas e pessoais realizadas em colaboração com as demais participantes. Para além, durante o desenvolvimento das atividades, formou-se uma comunidade de mulheres que se manteve unida mesmo após a finalização do ciclo de aulas.

#TeatroEmComunidade #ViolênciaDeGênero #ViolênciaAcadêmica #(Auto)Biografias



Sofia Lopez Dotto é graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Premiada com Lâurea Acadêmica, foi bolsista PIBID teatro e interdisciplinar e autora do projeto “Teatro e (auto) biografias femininas: uma trilha para a discussão de violência de gênero em ambiente acadêmico”. Atualmente, é integrante do grupo de pesquisa CNPq DEC (Diferença, Educação e Cultura). Contato: sofialdotto7@gmail.com



Jennifer Priscila Cardoso é graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Foi bolsista de extensão do Laboratório de Línguas (LabLin) e Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação (LableR). Fez parte dos projetos Núcleo de Pesquisa, Ensino e Aprendizagem de Línguas a Distância e Atividades Colaborativo-Educacionais em Contextos Escolares com bolsa do CNPq. Contato: jenny.cardoso21@gmail.com

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E ESTRUTURAS DE PODER: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CONTEXTOS BÍBLICOS E CONTEMPORÂNEOS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a violência psicológica se manifesta nas relações familiares e na sociedade contemporânea, bem como compreender de que forma tais práticas refletem e perpetuam padrões culturais de poder e gênero. A narrativa bíblica envolvendo Labão, suas filhas e o patriarca Jacó, presente no livro de Gênesis, revela um contexto marcado por violência emocional. O episódio refere-se ao engano de Labão que, ao prometer Raquel em casamento a Jacó, impõe a este primeiramente a união com Lia, mediante artifício e manipulação. Tal conduta evidencia uma forma de violência estrutural, ao instrumentalizar as filhas como objetos de negociação, desconsiderando sua autonomia e afetividade. A rivalidade entre Lia e Raquel, decorrente da imposição paterna e da preferência afetiva de Jacó, intensifica a violência psicológica, manifestando-se em sentimentos de rejeição e disputa. Nesse sentido, a narrativa expõe como relações familiares podem ser permeadas por desigualdade e coerção, refletindo padrões patriarcais de dominação. A análise permite compreender a violência não apenas como ato físico, mas como prática relacional inscrita em estruturas sociais e culturais. A história de Labão constitui exemplo paradigmático de como poder e manipulação geram sofrimento e conflitos duradouros, revelando a complexidade das dinâmicas familiares.

#Mulher #Desigualdade #Violência



Deise Regina Badotti Bastos é mestra em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: deiserbbastos@gmail.com

DEMOCRACIA SOB PRESSÃO: A VIOLÊNCIA POLÍTICA DE GÊNERO COMO LIMITE DA PARTICIPAÇÃO FEMININA

RESUMO

A violência política de gênero tem se consolidado como um dos principais obstáculos à participação das mulheres na política institucional, comprometendo a qualidade da democracia e a efetivação da igualdade política. Este trabalho tem como objetivo analisar a violência política de gênero enquanto fenômeno estrutural, compreendendo suas dimensões simbólicas, discursivas e materiais, bem como seus impactos sobre a representação feminina e o funcionamento democrático. A partir de uma abordagem teórica, o trabalho discute a relação entre democracia, cultura política e desigualdade de gênero, evidenciando como práticas violentas operam como mecanismos de exclusão e silenciamento das mulheres nos espaços de poder. Conclui-se que o enfrentamento da violência política de gênero é condição indispensável para o fortalecimento democrático e para a construção de uma cultura política mais inclusiva e plural.

#Democracia #ViolênciaPolíticaDeGênero #ParticipaçãoFeminina #CulturaPolítica



Carla Cristina Mafra Ribeiro é professora da rede pública municipal de Macapá e estadual do Amapá. Licenciada e bacharela em História, licenciada em Pedagogia, bacharela em Direito e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Contato: carlamafra.ap@gmail.com



INTRODUÇÃO

Com grande emoção e entusiasmo aceitei participar do VII Fórum d'As Pensadoras como mediadora do Eixo: Por uma Educação para equidade numa perspectiva de raça, que reuniu pesquisadoras, professoras, estudantes e ativistas.

Os trabalhos apresentados foram atravessados pelos estudos sobre as relações étnico-raciais promovendo um giro epistemológico pautado numa crítica árdua ao pensamento eurocêntrico ainda vigente.

Através de epistemologias indígenas e negras fomos agraciadas por trocas que ressaltaram a educação, a busca por equidade através das perspectivas literárias e a importância do cuidado com os nossos corpos e territórios.

Esse eixo mostrou narrativas que a história não conta e promoveu o entrelace de saberes de vários locais do Brasil, o que promoveu uma troca que foi muito além do esperado, pois, a partir da importância das imagens até a criação de um bazar, refletimos como é ser mulher produtora de conhecimento e como precisamos nos unir para que mais mulheres possam ter acesso à educação.

Na promoção da justiça social, as apresentações ressaltaram a importância das nossas escritas e vivências e o respeito àquelas que produziram, estão produzindo e que irão produzir conhecimento no Brasil e no mundo.

Gisele Rose

Atua na área da educação há 15 anos. Professora da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), especialista em Energia e Sociedade no Capitalismo Contemporâneo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e da Comunidade As Pensadoras. Colaboradora e idealizadora do Projeto Fun-L'Agbára. Autora dos livros *Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros* e *O curso de Energia e Sociedade no Capitalismo Contemporâneo*. Organizadora das antologias *Mulheres pretas de fé tecendo fios de liderança e representatividade*, *Lute como uma professora*, *Cartas para Azoilda* e *Construindo identidades*. Participação nas antologias *Árvore da Lembrança*, *A sobrevivência humana na Terra*, *Vozes Femininas à Asase Yaa*, *Mulheres do Ler III*, *Mulheres do Ler IV* e *Sobreviventes II*. Participante da coletânea *O despertar das consciências: experiências no debate étnico-racial e antirracista em projetos de educação não formal* e da coletânea *Educação das relações raciais no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico*.

Contato: rose.gisele@gmail.com

A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA ANTIRRACISTA NO ÂMBITO ESCOLAR

RESUMO

Apesar da promulgação da lei 13.935 de 2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e assistência social nas redes públicas da educação básica, pouco se fala sobre a necessidade de observação da escola enquanto espaço diverso, em que as(os) estudantes devem ser acolhidas(os) em suas subjetividades e singularidades. Nesse sentido, percebe-se que a saúde mental de estudantes negras(os) é afetada não apenas pela cobrança por um bom rendimento escolar, por exemplo, mas é atravessada pelo fenômeno do racismo. Mais expostos a sintomas como estresse crônico, baixos índices de bem-estar psicológico e de autoestima, pessoas negras também apresentam maior predominância de sintomas depressivos, conforme afirma Faro e Pereira (2011). Sob esse viés, destaca-se a importância de profissionais da psicologia implicados nos debates e ações antirracistas, por uma educação verdadeiramente emancipatória e democrática. Assim, destaca-se, no presente estudo, discussões acerca da inserção da(o) profissional da psicologia no ambiente escolar, enquanto sujeitos implicados no processo educacional mais equânime, através de intervenções comprometidas com os debates interseccionais e insurgentes.

#Psicologia #Educação #Antirracismo



Deborah Cunha Galvão de Medeiros é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mestranda do Programa de Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGCISH/UERN) e psicóloga (CRP-17/2812). Contato: dignidadepsi@gmail.com

ALTACI KOKAMA: VITALIZAÇÃO DA LÍNGUA KOKAMA E EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

RESUMO

Este resumo apresenta um recorte do projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “Altaci Kokama: Pensadora da Floresta e seus impactos na Educação da Amazônia Brasileira”, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no qual analisamos os principais trabalhos de pesquisa de Altaci Corrêa Rubim, mulher Kokama, linguista indígena e referência na luta pela vitalização da língua kokama na Amazônia brasileira. Como resultados parciais, percebemos que as pesquisas demonstram que a perda e a retomada da língua não podem ser compreendidas apenas como fenômenos linguísticos, mas como processos profundamente políticos, atravessados por colonialidade, territorialidade e resistência. Em sua tese, ao discutir o reordenamento político-cultural kokama, Rubim destaca que a língua, nesse sentido, é entendida como território simbólico e material, elemento estruturante da memória coletiva e da cosmologia indígena. Sua produção dialoga com a sociolinguística e com as políticas linguísticas, defendendo a educação escolar indígena como espaço estratégico para fortalecer o uso, o ensino e a transmissão intergeracional do kokama.

#LínguaKokama

#VitalizaçãoLinguística

#EpistemologiasIndígenas

#EducaçãoInterCultural



Daiana Nascimento Façanha é graduanda de Licenciatura em História na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bolsista de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Contato: dnf.his25@gmail.com



Rita de Cássia Fraga Machado é filósofa, professora e pesquisadora brasileira, atualmente vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Tefé. Sua pesquisa foca em feminismos na Amazônia, epistemologias feministas, educação de mulheres e sociodiversidade. Atua como subcoordenadora do PPGED/Tefé/UEA. Contato: ritachado@uea.edu.br



Hemily Pastanas Marinho é mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Estado do Amazonas (PPGED/UEA). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em educação escolar indígena, atua principalmente nos seguintes temas: educação escolar indígena, educação indígena, fundamentos da educação e mulheres. Contato: hemilypmt@gmail.com

UMA ESCOLA PELOS INDÍGENAS, PARA OS INDÍGENAS

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise crítica da Educação Escolar Indígena, partindo da imagem simbólica de uma carteira escolar posicionada no chão de uma aldeia. Investiga-se como esse objeto pedagógico de controle delimita o corpo e isola o indivíduo da coletividade, característica das cosmologias indígenas. A análise argumenta que a arquitetura e o mobiliário escolar ocidental funcionam como dispositivos de imposição de um modelo civilizatório que busca a homogeneização cultural. Em contrapartida, defende-se que a escola em território indígena deve se configurar como um espaço de resistência e transculturalidade, promovendo o diálogo entre os saberes ancestrais e o conhecimento científico acadêmico, e que uma educação verdadeiramente emancipadora para os povos indígenas exige a descolonização mental, transformando a escola em um território de afirmação identitária e defesa da autonomia indígena.

#EducaçãoEscolarIndígena #EscolaIndígena #DireitosIndígenas



Roberta Eliza Zandomênic é mãe, professora por formação. Por ser neta de uma mulher indígena, teve uma experiência de conexão ancestral que a reconectou com sua própria espiritualidade e, a partir de então, milita a favor das causas e dos povos indígenas, principalmente em território brasileiro. Anseia por justiça e dignidade para a natureza e para todo o povo brasileiro (quilombolas, ribeirinhos, os ditos favelados, mulheres pretas, mães...). Contato: robertaeliza@yahoo.com.br

O PASSADO QUE NÃO PASSOU: VESTÍGIO, VIGÍLIA E EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM DIÁLOGO COM CHRISTINA SHARPE E SUELI CARNEIRO

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre raça e educação a partir do livro *No vestígio: negridade e existência*, de Christina Sharpe, em diálogo com Sueli Carneiro. Mobiliza-se a noção de “wake”, compreendida como vestígio e vigília no rastro da escravização, para pensar a educação brasileira como espaço atravessado por um passado que não passou. Argumenta-se que escola e universidade operam sob a lógica do vestígio colonial, reproduzindo desigualdades raciais e dinâmicas de epistemicídio que incidem especialmente sobre mulheres negras. Em interlocução com Sueli Carneiro, analisa-se como o racismo estrutural organiza o acesso ao conhecimento, regula a permanência institucional e define critérios de legitimidade intelectual. O trabalho também apresenta a escrita epistolar como gesto metodológico indisciplinado, compreendendo a forma da carta-ensaio como prática de cuidado e de elaboração subjetiva. Defende-se a vigília como postura ética e pedagógica necessária à construção de práticas educacionais antirracistas e à produção de saúde intelectual na universidade.

#Vestígio #Raça #Educação #Vigília #Epistemicídio



Vitória Barboza de Sousa é mestranda em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolve pesquisa sobre a representação de personagens com deficiência na literatura brasileira contemporânea e dedica-se aos estudos de raça, escrita de si e cultura. Contato: vitoriabsousa26@gmail.com

ESCRITOS DE MÁRCIA KAMBEBA COMO METODOLOGIA DE ENSINO NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO

RESUMO

Os escritos de Márcia Kambeba emergem como uma poderosa ferramenta de resistência e transformação, pois refletem a sabedoria ancestral dos povos indígenas, não apenas denunciam as injustiças raciais e de gênero, mas também oferecem uma visão crítica que desafia as narrativas hegemônicas que perpetuam a opressão. Este resumo apresenta reflexões oriundas do projeto de iniciação científica intitulado “Márcia Kambeba e seu pensamento pedagógico na Amazônia brasileira”, que tem como objetivo analisar as obras de Márcia Kambeba, focando na crítica ao racismo e à misoginia. Dessa forma, ressaltamos que integrar os escritos de Márcia Kambeba no currículo universitário poderá promover um ambiente de aprendizado que valoriza a diversidade cultural e incentiva a reflexão sobre injustiças históricas e contemporâneas. Nesse viés, a metodologia não apenas enriquece a formação acadêmica, mas também promove a conscientização sobre as interconexões entre as lutas sociais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, e que todas as vozes são ouvidas e respeitadas.

#Metodologia #EducaçãoIndígena #EducaçãoAntirracista



Eline de Oliveira Moraes é graduanda em Licenciatura em História e bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Contato: edom.his25@uea.edu.br



Rita de Cássia Fraga Machado é filósofa, professora e pesquisadora brasileira, atualmente vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Tefé. Sua pesquisa foca em feminismos na Amazônia, epistemologias feministas, educação de mulheres e sociodiversidade. Atua como subcoordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEA). Contato: rmachado@uea.edu.br



Luiz de Oliveira Auleriano é doutorando em Educação na Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas (PGEDA/UEA). Mestre em Educação (PPGED/UEA) e membro do Grupo de Pesquisa EduAmazônia. Contato: luizeltonauleriano@gmail.com



Rickelme de Souza Gomes é graduando em Licenciatura em História na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bolsista da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Contato: rdsg.his25@uea.edu.br.

IMAGEM, TERRITÓRIO E ESCUTA: A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA EM PESQUISA COM MULHERES

RESUMO

A fotografia, enquanto linguagem, carrega a potência de registrar, narrar e tensionar realidades. Mais do que um recurso estético ou técnico, constitui-se como um instrumento de escuta e visibilidade. A imagem pode ser compreendida como testemunha de acontecimentos ou experiências e, quando utilizada como ferramenta de pesquisa e expressão, possui um imenso potencial para estudar e valorizar mulheres historicamente marginalizadas, como mulheres rurais, indígenas, negras, ribeirinhas, periféricas e pertencentes a outros grupos socialmente invisibilizados. Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão sistemática do estado da arte sobre o uso da fotografia como ferramenta metodológica em pesquisas com mulheres, com ênfase em sua aplicação junto a mulheres ribeirinhas na Amazônia Central. Para a coleta de dados, utilizou-se o banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), por meio dos descritores: “fotografia como ferramenta metodológica”, “fotografia, mulheres, ferramenta metodológica” e “fotografia, mulheres ribeirinhas”. Após aplicação dos critérios de exclusão, restaram dezessete trabalhos, entre dissertações e teses. Os resultados apontam que a fotografia é uma importante ferramenta metodológica e política em estudos com mulheres, especialmente quando articulada a abordagens feministas e críticas.

#Fotografia #FerramentaMetodológica #Educação #MulheresRibeirinhas



Marcela da Silva Barbosa é doutoranda em Educação na Amazônia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Contato: mdsb.dea25@uea.edu.br



Rita de Cássia Fraga Machado é filósofa, professora e pesquisadora brasileira, atualmente vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Tefé. Sua pesquisa foca em feminismos na Amazônia, epistemologias feministas, educação de mulheres e sociodiversidade. Atua como subcoordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEA). Contato: rmachado@uea.edu.br

MANIFESTO CONTRA A INVISIBILIDADE: A URGÊNCIA EM DESCOLONIZAR O PENSAMENTO

RESUMO

O que as autoras Eliane Marques e Grada Kilomba têm em comum, além do fato de serem mulheres e serem escritoras contemporâneas? O fato de serem autoras de obras que abordam uma sensível temática: o discurso contra a invisibilidade. Refiro-me às obras *Louças de família* (2023), de Marques, e *Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano* (2019), de Kilomba, que trazem à tona a questão da invisibilidade negra, de modo especial a invisibilidade da mulher negra, como um tema a ser debatido e combatido. Kilomba, sob a forma de histórias psicanalíticas, expõe os impactos do colonialismo como elemento fundante das desigualdades e violências diversas praticadas contra a população negra. Ademais, ressalta, ao longo dos capítulos, a invisibilidade da população negra na narrativa histórica oficial, especialmente a mulher negra, indicando a necessidade de epistemologias que apontem para novas perspectivas teóricas. *Louças de família*, primeiro romance da escritora Eliane Marques, tece uma crítica feroz à sociedade brasileira que ainda insiste em se estabelecer sobre distinções e preconceitos. A narrativa trata de ancestralidade, desumanização, racismo, desigualdades profundas, propondo uma reflexão sobre a complexidade da experiência humana, as injustiças históricas e as estruturas sociais que contribuem para a desvalorização de certas vidas.

#Racismo #Invisibilidade #MulheresNegras



Jaqueline Brito Fernandes é graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professora e tem uma carreira dedicada ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio e Fundamental. É integrante do Coletivo Escritoras Vivas. Possui textos publicados diversas coletâneas e é autora do livro *Memórias de um boteco* (Patuá). Contato: jaqueline.fernandes@hotmail.com

MULHERES PRETAS DE FÉ: TECENDO FIOS DE LIDERANÇA E REPRESENTATIVIDADE

RESUMO

O presente resumo visa refletir sobre a construção da antologia *Mulheres pretas de fé: tecendo fios de liderança e representatividade*, organizada pela Babá Gisele Rose e pela Pastora Veronica Cunha. Compreendendo a dificuldade de falarmos sobre as instituições religiosas no Brasil, o racismo religioso, que pretende matar existências, eliminar crenças, apagar memórias e silenciar origens, e o fato de que durante séculos as mulheres negras tiveram seu poder de fala e escrita invisibilizadas, trazemos a importância do processo de construção desta antologia de escrita coletiva que atravessa corpos, realidades, lugares e religiões. Nesse sentido, “escrevivência” (termo cunhado por Conceição Evaristo) é um conceito que permite definir ou nomear a “escrita de si” ou auto(biografia)ficção da mulher negra na literatura brasileira. Dito isso, podemos perceber a importância do ato de escrever, do acolhimento a todas as religiões mencionadas na antologia, mas principalmente do respeito a todas as experiências e vivências, pois cada história nos remete a uma reflexão sobre nossas ações para com o outro. Nesta antologia, encontramos uma diversidade de textos de vinte e sete mulheres negras, de gerações e profissões diversas que se juntaram para defender ancestralidade, legado, memória, espiritualidade e, principalmente, fé.

#RacismoReligioso #MulheresPretas #Escrevivências



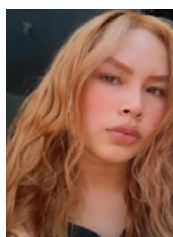
Gisele Rose da Silva é graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em Energia e Sociedade no Capitalismo Contemporâneo pela mesma instituição e mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Contato: rose.gisele@gmail.com

O BAZAR DAS MANAS COMO PRÁTICA FORMATIVA: EDUCAÇÃO FEMINISTA EM AÇÃO

RESUMO

O presente resumo tem o objetivo de refletir sobre a experiência coletiva do Bazar das Manas, entendido como um espaço de educação feminista e de construção da equidade de gênero. O Bazar das Manas é uma ação realizada pelo Programa Mulheres na Universidade, coordenado pela professora doutora Rita Machado, com um total de doze bolsistas da graduação e pós-graduação. Os trabalhos iniciaram-se no Clube das Manas, em 2024, com o objetivo de arrecadar fundos para viabilizar a participação das integrantes em eventos científicos e a divulgação de suas produções acadêmicas. A partir da vivência direta das participantes na organização, execução e partilha do bazar, a ação pode ser compreendida como uma prática de economia solidária, fundamentada na cooperação, no apoio mútuo e em objetivos comuns. Nesse contexto, o bazar transcende sua função econômica, configurando-se como um espaço de educação feminista. As vivências coletivas promovem a equidade de gênero ao incentivar a cooperação do ajuri, o fortalecimento mútuo e a partilha de saberes entre mulheres, desafiando estruturas patriarcais por meio de práticas colaborativas. Assim, o Bazar das Manas exemplifica como ações cotidianas podem fomentar pedagogias feministas ao integrar teoria e prática.

#EducaçãoFeminista #EconomiaSolidária #BazarDasManas
#ProgramaMulheresNaUniversidade



Samara Bernaldino Carvalho é graduanda em Licenciatura em História na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Campus Tefé. Contato: Sbc.his25@uea.edu.br



Rita de Cássia Fraga Machado é filósofa, professora e pesquisadora brasileira, atualmente vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Tefé. Sua pesquisa foca em feminismos na Amazônia, epistemologias feministas, educação de mulheres e sociodiversidade. Atua como subcoordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEA). Contato: rmachado@uea.edu.br



Marcela Barbosa da Silva é doutoranda em Educação na Amazônia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA); bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Contato: mdsb.dea25@uea.edu.br

O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO AMAZÔNICO A PARTIR DE OBRAS ESCRITAS POR MULHERES INDÍGENAS: POR QUE ISSO IMPORTA?

RESUMO

Este estudo analisa a importância da inserção de obras escritas por mulheres indígenas no ensino de literatura no contexto amazônico. Partindo da constatação do desconhecimento dessas autoras por estudantes do Ensino Médio, discute-se a distância entre o marco legal, especificamente a Lei nº 11.645/2008, e a efetiva presença dessas produções no currículo escolar. A reflexão fundamenta-se em estudos sobre cultura, formação histórica brasileira e institucionalização do cânone literário, evidenciando como processos de legitimação simbólica contribuíram para a invisibilização de vozes indígenas. Em diálogo com referenciais da crítica literária e da pedagogia crítica, o artigo argumenta que a inserção de mulheres indígenas no ensino literário não constitui mero acréscimo temático, mas gesto de reconfiguração do horizonte formativo da disciplina. A análise da prática pedagógica demonstra que tal inserção favorece uma formação leitora situada, crítica e comprometida com a pluralidade cultural da Amazônia.

#Ensino #Literatura #MulheresIndígenas #Amazônia #FormaçãoLeitora



Leidiane Leite Nascimento é doutoranda Universidade Federal de Roraima (UFRR), mestra em Letras pela mesma instituição e graduada em Letras/Literatura pela Universidade Estadual de Roraima (UERR). Atualmente, está vinculada ao Projeto de Pesquisa “A Amazônia entre a realidade e a ficção: viagens e viajantes reais e imaginários”. Participa do Grupo de Estudos Literários Comparados, Cultura e Ensino de Literatura e do Grupo de Estudo Literatura, Mulheres e Escritas de si – GELIMES. É coorganizadora dos Projetos de Ensino “Entre idas e vindas Cartas que entrelaçam” e “Protagonistas de uma história”, e organizadora dos Projetos de Ensino “A Amazônia é mulher: Sol, Resistência e Retomada” e “Originárias: recontando vozes de mulheres indígenas em HQ’s”. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa e Literatura na SEED/RR. Contato: leidiane.leitte@hotmail.com

O SER-TERRITÓRIO COMO PRÁTICA DE EQUIDADE NA EDUCAÇÃO: UMA LEITURA A PARTIR DE ALVA ROSA TUKANO

RESUMO

Alva Rosa Tukano, pensadora, educadora, ativista indigenista, reafirma em seus trabalhos a importância de práticas pedagógicas entrelaçadas às lutas dos povos originários por seus territórios, suas línguas, suas cosmologias e pela preservação dos saberes. Em suas obras, a autora desenvolve a noção de territórios etnoeducacionais, que ultrapassa a definição de espaço físico, e passa a incluir cosmologias, saberes ancestrais, pedagogias próprias e processos políticos. Nessa perspectiva, o território torna-se articulador entre conhecimentos acadêmicos e saberes comunitários. Contudo, tal articulação requer a garantia de uma educação de qualidade, sustentada por políticas públicas que assegurem a preservação da língua e o fortalecimento da identidade coletiva. Como destaca a autora, “em um país de proporções territoriais como o nosso, rico em variadas manifestações culturais, faz -se necessária a discussão dessa visão alargada de inclusão, como forma de garantir aos diferentes grupos o acesso à educação e a valorização”. Assim a noção de ser-território evidencia que a equidade educacional só se efetiva quando reconhece as relações de classe, raça e gênero, afirmando a educação como prática de resistência, valorização identitária e justiça social.

#AlvaRosaTukano #TerritoriosEtnoeducacionais #SerTerritorio #Educação



Júlia Lima da Silva é graduanda em Letras – Inglês pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e bolsista de iniciação científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Contato: jlds.lin22@uea.edu.br



Rita de Cássia Fraga Machado é filósofa, professora e pesquisadora brasileira, atualmente vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Tefé. Sua pesquisa foca em feminismos na Amazônia, epistemologias feministas, educação de mulheres e sociodiversidade. Atua como subcoordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEA). Contato: rmachado@uea.edu.br



Marcela Barbosa da Silva é doutoranda em Educação na Amazônia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Contato: mdsb.dea25@uea.edu.br

A INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA ANALÍTICA NOS ESTUDOS EDUCACIONAIS AMAZÔNICOS

RESUMO

Este texto traz contribuições sobre o conceito de interseccionalidade cunhado pela socióloga e feminista negra Patrícia Hill Collins para os estudos feministas com enfoque na Educação, elucidado em sua obra homônima, principalmente no que se refere à compreensão entre raça e gênero. A interseccionalidade, utilizada como uma ferramenta analítica de modo a entender a realidade além de práxis social, nos permite analisar como as opressões estruturais se interligam e produzem inúmeras experiências específicas de desigualdades. A autora discute as limitações das abordagens que tratam raça, gênero, sexualidade ou classe de formas separadas. O pensamento de Patricia Hill Collins contribui para compreender que a realidade social amazônica exige uma leitura interseccional, tornando-se fundamental não apenas para a análise teórica, mas para a formulação de uma práxis transformadora, capaz de reconhecer as especificidades das experiências das mulheres negras amazônicas. No contexto amazônico, essa discussão faz-se ainda mais significativa, tendo em vista que as mulheres negras da região vivenciam não apenas desigualdades de gênero e raça, como também desigualdades territoriais e educacionais no cenário atual.

#Interseccionalidade #Raça #Amazônia #Educação #Práxis



Hillary Bruna de Souza dos Santos é graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e mestranda em Educação pela mesma instituição. Pesquisa saberes femininos tradicionais e práticas educativas de mulheres na sociodiversidade amazônica, com enfoque na interseccionalidade e no feminismo. Contato: hbdstds.mlp25@uea.edu.br



Rita de Cássia Fraga Machado é filósofa, professora e pesquisadora brasileira, atualmente vinculada à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em Tefé. Sua pesquisa foca em feminismos na Amazônia, epistemologias feministas, educação de mulheres e sociodiversidade. Atua como subcoordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEA). Contato: rmachado@uea.edu.br

A MARCHA DAS MULHERES NEGRAS COMO POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA

RESUMO

A Marcha das Mulheres Negras possibilita que as jovens negras, estudantes do curso de graduação compreendam a importância da mobilização política bem como a mobilização das mulheres possibilitam uma educação antirracista, a partir do letramento racial.

#MulheresNegras #Docência #EnsinoDeHistória #LetramentoRacial
#MarchaDasMulheresNegras



Célia Santana Silva é professora de História na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), atuando na área de Estágio Supervisionado e Laboratórios. Pesquisadora da área de Ensino de História, Educação Antirracista, Relações de Gênero, Religião e Religiosidade. Atua também no Mestrado e Doutorado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN), com pesquisas sobre professoras negras. Contato: celiasantanauneb@gmail.com

ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS, QUILOMBOLAS E DE TERREIROS: EPISTEMOLOGIAS DE RESISTÊNCIA NO GESTAR E PARIR

RESUMO

Este trabalho apresenta o projeto de tese de doutorado em Saúde Coletiva que investiga as experiências de gestação e parto de mulheres negras, quilombolas e de comunidades de terreiro. Partindo do conceito de Escrivivência, de Conceição Evaristo, a investigação assume o compromisso ético-político de dar visibilidade a narrativas historicamente silenciadas pelo racismo estrutural e institucional no sistema de saúde. O objetivo é analisar como as interseções de raça e ancestralidade moldam as trajetórias reprodutivas, identificando marcas da violência obstétrica e tecnologias de cuidado presentes nos saberes tradicionais. Metodologicamente, a pesquisa utiliza a técnica Bola de Neve para acessar redes de mulheres em territórios de resistência, promovendo oficinas de escrevivência e entrevistas que funcionam como espaços de produção de saber e emancipação. Ao situar o corpo negro feminino como lugar de conhecimento, o estudo dialoga com a educação para a equidade, contribuindo para uma prática em saúde antirracista, decolonial e comprometida com a justiça social. Espera-se que as narrativas colhidas fomentem reflexões sobre o direito reprodutivo sob uma ótica que valorize as epistemologias feministas negras e a dignidade humana.

#Escrivivência #MulheresNegras #RacismoInstitucional #SaúdeReprodutiva
#EpistemologiasDecoloniais



Luciana Camila dos Santos Brandão é doutoranda e mestra em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com especializações pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e Instituto Sírio-Libanês. Cientista Social, atua como doula, educadora perinatal e instrutora GentleBirth. Integra o grupo de pesquisa Redis, militando pelo parto humanizado e pesquisando relações raciais e saúde. Contato: cambrandao@gmail.com



Antonio Rodrigues Ferreira Júnior é doutor em Saúde Coletiva Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestre pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Professor da graduação e da pós-graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Unicamp, coordena o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC/UECE) e o Fórum da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Líder do grupo de pesquisa Redes Integradas de Saúde (Redis), possui vasta experiência em planejamento, gestão e políticas de saúde da mulher e enfermagem obstétrica. Contato: arodrigues.junior@uece.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fórum D'As Pensadoras (6. 2026 : Brasil) [livro eletrônico] : Anais. Educação para a equidade numa perspectiva de classe, raça e gênero / organizado por Rita de Cássia Machado e Drica Madeira. – Goiânia, GO : Negalilu, 2025.
5000 Kb ; ePUB3

ISBN 978-85-68589-30-4 (e-book)

26-1872 1. Ciências sociais 2. Educação 3. Gênero 4. Classe 5.
Raça 6. Feminismo 7. Filosofia 8. Mulheres I. Machado,
Rita de Cássia II. Madeira, Drica

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais

FICHA TÉCNICA

Comissão organizadora

Coordenadora Geral: Rita de Cássia Fraga Machado
Coordenadora Adjunta: Adriana Madeira Coutinho
Apoio técnico: Hillary Bruna de Souza dos Santos
Monitoras: Marcela Barbosa, Hemily Marinho Pastanas, Hillary Bruna de Souza dos Santos
Divulgação e marketing: FormaStudio – Agência Digital 360º

Comitê científico

Profa. Dra. Adriana Madeira Coutinho – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Profa. Dra. Rita de Cassia Fraga Machado – Universidade Estadual do Amazonas
Profa. Dra. Nima Imaculada Spigolon – Universidade Estadual de Campinas
Profa. Dra. Susana de Castro – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Profa. Dra. Ester Maria Dreher Heuser – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profa. Dra. Anadir dos Reis Miranda – Secretaria Municipal de Educação de Pinhais
Profa. Dra. Eliane Rose Maio -Universidade Estadual de Maringá
Profa. Dra. Célia Aparecida Bettiol – Universidade do Estado do Amazonas
Profa. Adria Simone Duarte de Souza – Universidade do Estado do Amazonas
Profa. Dra. Isabel Maria da Cruz Lousada – Universidade Nova de Lisboa.
Profa. Dra. Heloisa Buarque de Hollanda – bolsista de produtividade em pesquisa do cnpq – nível sr – membro efetivo e perpétuo da academia brasileira de letras e professora emérita de Teoria Crítica da Cultura da Escola de Comunicação e coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea vinculado ao Programa de Pós-graduação Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Profa. Dra. Lia Barbosa – Universidade Federal do Ceará
Profa. Dra. Mary Garcia Castro – Universidade Federal da Bahia
Profa. Dra. Fernanda Staniscuaski – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coordenação dos Eixos

Eixo 1: Educação para equidade numa perspectiva de classe
Andrea Wahlbrink

Eixo 2: Educação para equidade numa perspectiva de gênero
Adriana Madeira

Eixo 3: Educação para equidade numa perspectiva de raça
Gisele Rose

Anais VII Fórum Virtual d'As Pensadoras

Edição de texto: Lari Mundim

Revisão: Cecília Castro


Design gráfico: Bia Menezes


Identidade visual: FormaStudio – Agência Digital 360°

Coordenação editorial: Lari Mundim

Edição: negalilu editora

www.aspensadoras.com.br

 @aspensadorasoficial

 aspensadorasoficial

VII FÓRUM DAS PENSADORAS

REALIZAÇÃO

As Pensadoras



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

FINANCIADORA



Secretaria de
Desenvolvimento
Econômico, Ciência,
Tecnologia e Inovação



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO